

**Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o  
discurso**

**Márcia Sofia Oliveira Ribeiro**

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação para obtenção do  
Grau de Mestre em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientada por:  
Professor Doutor Orlando Gama

Bragança, 2024

**Dedicatória**

Aos meus pais

Carla Oliveira e João Ribeiro

## **Agradecimentos**

Gostaria de expressar a minha gratidão para com todos aqueles que me ajudaram, apoiaram e participaram na minha vida e aqueles que sempre acreditaram em mim. Agradeço ao Instituto Politécnico de Bragança, concretamente, à Escola Superior de Educação de Bragança, que me acolheu durante estes 5 anos. A todos os professores e colegas que me apoiaram durante os últimos 2 anos. A todos os amigos, que, tanto nos momentos mais baixos como nos momentos mais altos estiveram sempre presentes. Ao meu orientador Orlando Gama que sempre se mostrou presente, paciente e cooperante. De forma muito especial, agradeço aos meus pais que me apoiaram em grande forma em todas as etapas da minha vida, especialmente nesta.

Muito obrigada a todos!

## Resumo

O estudo sobre *Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o Discurso* pretende averiguar, em que medida, o género e as representações sociais influenciam as perceções dos migrantes cabo-verdianos, bem como o seu impacto.

Atualmente, neste mundo globalizado, constatamos a coexistência de diversas nacionalidades e culturas, num mesmo espaço, fator potenciado pelo fenómeno das migrações e, conseqüentemente, os impactos que este acarreta para a população migrante. Podemos verificar que mais de metade dos migrantes a nível mundial lidam com mais constrangimentos em relação à migração, pela dificuldade em decidir sobre deixar a família para trás ou em levá-la, ou também pelas eventuais possibilidades que se oferecem no país de destino. Nesse sentido, temos de ter em consideração as representações que podem emergir diante da diversidade cultural, costumes e hábitos.

Esta investigação parte de duas questões de investigação - *Qual o impacto que a representação e as questões de género têm na vida dos migrantes cabo-verdianos?* e *Como que a representação e o género podem influenciar nas perceções dos migrantes cabo-verdianos?* Com vista a dar uma possível resposta delineamos os seguintes objetivos: *Conhecer a realidade de vida dos migrantes cabo-verdianos em Bragança; Analisar a forma como a representação e o género afetam os migrantes cabo-verdianos em Bragança; Perceber as razões pelos quais os migrantes cabo-verdianos vivem em Bragança; Perceber se existe alguma instituição em Bragança que ajude os migrantes e qual o trabalho que realizam com eles; Compreender questões das migrações a luz das questões de género.*

A fundamentação empírica do presente estudo assenta numa amostra por conveniência, não probabilística, constituída por 21 migrantes cabo-verdianos em Bragança e foi consolidada através de uma metodologia mista de investigação quantitativa e qualitativa e respetiva análise de conteúdo.

Os resultados alcançados permitiram-nos verificar qual o impacto da representação e do género em migrantes cabo-verdianos em Bragança.

**Palavras – chave:** migração, género, representação, cabo-verdianos

## **Abstract**

The study on Representation and gender in Cape Verdean migration. Between space and Discourse aims to find out to what extent gender and representation influence the perceptions of Cape Verdean migrants, as well as their impact.

Nowadays, in this globalized world, we see the coexistence of different nationalities and cultures in the same space, a factor that is enhanced by the phenomenon of migration and, consequently, the impacts it has on the migrant population. We can see that more than half of the world's migrants deal with more constraints in relation to migration, due to the difficulty in deciding whether to leave their family behind or take them with them, or also due to the possible possibilities offered in the country of destination. In this sense, we must consider the representations that can emerge in the face of cultural diversity, customs and habits.

This research is based on two research questions - What impact do representation and gender issues have on the lives of Cape Verdean migrants? and how can representation and gender influence the perceptions of Cape Verdean migrants? In order to provide a possible answer, we outlined the following objectives: To get to know the reality of the lives of Cape Verdean migrants in Bragança; To analyze how representation and gender affect Cape Verdean migrants in Bragança; To understand the reasons why Cape Verdean migrants live in Bragança; To understand if there are any institutions in Bragança that help migrants and what work they do with them; To understand gender issues in the light of migration.

The empirical basis of this study is based on a non-probabilistic convenience sample of 21 Cape Verdean migrants in Bragança and was consolidated using a mixed methodology of quantitative and qualitative research and content analysis.

The results allowed us to verify the impact of representation and gender on Cape Verdean migrants in Bragança.

**Key words:** migration, gender, representation, Cape Verdeans

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I Enquadramento teórico.....</b>	<b>5</b>
<b>Breve contexto sócio -histórico .....</b>	<b>5</b>
<b>2. Reflexão em torno dos conceitos: Género, migração e representação .....</b>	<b>7</b>
<b>3. O sistema patriarcal e os estereótipos de género .....</b>	<b>11</b>
<b>4. Migrações cabo-verdianas .....</b>	<b>12</b>
<b>5. Mulheres que emigram .....</b>	<b>14</b>
<b>6. O impacto das representações sociais sobre migrantes.....</b>	<b>16</b>
<b>7. Estruturas locais de apoio à integração dos migrantes.....</b>	<b>17</b>
<b>8. O papel do educador social na intervenção com migrantes .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo II .....</b>	<b>21</b>
<b>Investigação empírica .....</b>	<b>21</b>
<b>1. Questões de investigação/intervenção e os objetivos .....</b>	<b>21</b>
<b>2. Seleção da amostra e procedimentos utilizados.....</b>	<b>21</b>
<b>3. Metodologia.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. Natureza da investigação .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 Instrumentos de recolha de dados .....</b>	<b>24</b>
3.2.1. Inquérito por questionário .....	25
3.2.2. Entrevista semi-estruturada .....	26
3.2.3. Categorias e subcategorias.....	26
<b>3.3 Tratamento da informação.....</b>	<b>28</b>
<b>Capítulo III .....</b>	<b>29</b>
<b>Apresentação, análise e discussão dos resultados.....</b>	<b>29</b>
<b>1. Análise da caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as .....</b>	<b>29</b>
<b>2. Representação e o género .....</b>	<b>32</b>
<b>1. Migração cabo-verdiana em Bragança .....</b>	<b>37</b>
<b>4. Análise de conteúdo da entrevista semi-estruturada .....</b>	<b>47</b>
<b>4.1. Análise da categoria A. Igualdade de género .....</b>	<b>47</b>
4.1.1. Análise da subcategoria A1. Existência da igualdade de género na instituição ...	47
4.1.2. Análise da subcategoria A2. Género e Igualdade no exercício da profissão.....	48
<b>5. Análise da categoria B. Dificuldades e hábitos .....</b>	<b>49</b>

5.1	Análise da subcategoria B1. Desafios da integração nos migrantes.....	49
5.1.1	Análise da subcategoria B2. Tradição e Inovação .....	50
<b>6.</b>	<b>Análise da categoria C. Representações sociais .....</b>	<b>51</b>
<b>6.1</b>	<b>Análise da subcategoria C1. Representações da pessoa migrante .....</b>	<b>51</b>
6.1.1.	Análise da subcategoria C2. Discriminação .....	52
<b>7.</b>	<b>Análise da categoria D. Intervenção Socioeducativa .....</b>	<b>53</b>
<b>7.1</b>	<b>Análise da subcategoria D1. Configurações da intervenção com a população migrante.....</b>	<b>53</b>
<b>8.</b>	<b>Análise da categoria E. Iniciativas e parcerias .....</b>	<b>55</b>
<b>8.1.</b>	<b>Análise da subcategoria E1. Protocolos da instituição com outras entidades....</b>	<b>55</b>
8.1.1.	Análise da subcategoria E2. Formas de mediação .....	56
<b>9.</b>	<b>Discussão dos resultados.....</b>	<b>57</b>
	<b>Considerações finais.....</b>	<b>60</b>
	<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>63</b>
	<b>Anexos .....</b>	<b>72</b>
	<b>Anexo 1- Inquérito por questionário e consentimento livre e esclarecido aos inquiridos.....</b>	<b>73</b>
	<b>Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido aos técnicos .....</b>	<b>79</b>
	<b>Anexo 4 – Análise de conteúdo .....</b>	<b>84</b>

## Índice de tabelas

Tabela 1 Caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as .....	29
Tabela 2 Subcategoria B1. Integração profissional e género .....	32
Tabela 3 Subcategoria B1. Integração profissional e género .....	33
Tabela 4 Subcategoria B1. Integração profissional e género .....	34
Tabela 5 Subcategoria B2. Contexto familiar e género .....	34
Tabela 6 Subcategoria B2. Contexto familiar e género .....	35
Tabela 7 Subcategoria B2. Contexto familiar e género .....	36
Tabela 8 Subcategoria B2. Contexto familiar e género .....	37
Tabela 9 Subcategoria C1. Migração em contexto regional .....	37
Tabela 10 Subcategoria C1. Migração em contexto regional .....	38
Tabela 11 Subcategoria C1. Migração em contexto regional .....	39
Tabela 12 Subcategoria C1. Migração em contexto regional .....	41
Tabela 13 Subcategoria C1. Migração em contexto regional .....	42
Tabela 14 Subcategoria C2. Migração e género .....	43
Tabela 15 Subcategoria C2. Migração e género .....	43
Tabela 16 Subcategoria C2. Migração e género .....	45

## **Siglas**

**CLAIM-** Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes.

## Introdução

Tenciona-se com este estudo sobre *Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o Discurso* pretende averiguar, em que medida, o género e a representação influenciam as perceções dos migrantes cabo-verdianos, bem como o seu impacto<sup>1</sup>.

O ato de migrar é uma ocorrência que acontece desde há muito tempo, pois os seres humanos sempre tiveram o hábito de abandonar suas casas com o intuito de buscar melhores condições de vida. Ao fazer-se um recuo no que tange as migrações humanas, pode-se alcançar o ponto inicial da nossa própria história, aquando do ser humano era caçador-recolector nómada e em que era necessário, para além de procurar por comida, abrigo e para se salvaguardar do clima. Contudo, atualmente, para quem emigra, não se coloca apenas a questão de assegurar a sobrevivência ou a oportunidade de obter um salário maior do que no país de origem. Dispomos de uma vontade inata de felicidade que acaba por ultrapassar em muito as nossas necessidades fundamentais (Massapina, 2019).

A globalização é um fator fundamental a considerar quando se analisa o fenómeno das migrações. Quando houve a incorporação dos diversos países num sistema de economia mundial, fez com que resultasse num acréscimo de interações económicas e os Estados-nação (Beck *et al.* 2013; Kotz 2002). Esta dinâmica de interações económicas fez com que também favorecesse o crescimento do fluxo de indivíduos entre os vários países.

Segundo Castles (2002), a globalização alterou o panorama da migração, levando em consideração as inovações tecnológicas de comunicação e de transporte, que proporcionaram movimentos multidirecionais de indivíduos, símbolos e conceitos culturais. Depois da segunda guerra mundial, na Europa, ocorreu uma intensa migração motivada pela demanda por trabalhadores para a reconstrução económica.

Cabo Verde, por sua vez, sempre foi conhecido pela intensa tradição de migração de pessoas, produtos e serviços, desde a sua independência em 1975, o que proporcionou um notável vigor cultural e uma perceção muito positiva de Cabo Verde e da sua população. É uma temática que sempre nos despertou interesse.

Faz total sentido integrar a esta combinação de assuntos relacionados à migração, outra das questões que pondero serem relevantes no cenário migratório: A questão do género e das representações sociais.

Conforme Boyd e Grieco (2003), entender as questões de género relacionadas com as

---

<sup>1</sup> Esta introdução, dado o carácter genérico das informações dadas, segue de perto o trabalho de Nadine Massapina, *Género e migração: expectativas, representações e experiências*, Dissertação de Mestrado, UNL, 2019.

migrações é crucial no cenário migratório. As disparidades de género possuem uma origem histórica profunda, pois existem desde as sociedades mais antigas. Havia uma divisão de trabalho entre os homens e as mulheres: os homens caçavam e as mulheres coletavam alimentos e cuidavam dos filhos. A distinção entre o trabalho masculino e feminino, juntamente com os estereótipos, determinou uma fronteira relevante. Os traços psicológicos de género, que surgiram associados a eles, parecem ter surgido precisamente da estrutura social que dividiu as áreas de atuação de ambos (Archer & Lloyd 2002).

Boyd e Grieco (2003) destacam que a natureza da migração, seja ela temporária ou permanente, legal ou ilegal, profissional ou por outros motivos (incluindo a migração forçada), parece estar intrinsecamente ligada ao conceito de género. Não se pode entender como este impacta ou influencia a migração sem levar em conta as diversas experiências migratórias femininas. É fundamental notar, que quando estamos a analisar as migrações femininas devemos notar que estas são mais vulneráveis que as masculinas num cenário migratório. Conforme Kawar (2004), as mulheres migrantes geralmente possuem um número menor de oportunidades de trabalho no país de destino do que os homens, frequentemente, acabando trabalhando no setor informal, e as motivações para a migração parecem estar menos ligadas ao crescimento profissional ou à aquisição de novos conhecimentos, especialmente no caso dos homens.

Em relação à representação, Ramos *et al.* (2016), ressaltam que, a população migrante é vista como sendo uma ameaça, com fundamentos em preconceitos e crenças que frequentemente faz gerar pensamentos negativos. Esta circunstância, muitas vezes resulta na criação de mitos os quais distorcem a realidade e a depreciação das contribuições que os migrantes podem oferecer ao país e a população genericamente. Os mitos e preconceitos que são relacionados aos migrantes podem ser um enorme obstáculo para a inclusão, impactando diretamente o seu bem-estar e a sua vivência no quotidiano.

Este estudo está organizado em três capítulos. No capítulo I, o enquadramento teórico, que demonstra um breve contexto socio-histórico de Cabo Verde, uma abordagem teórica sobre as migrações, o género e a representação, fazemos uma breve referência ao sistema patriarcal e os estereótipos de género, abordamos também aspetos relativos a migração cabo-verdiana, como também aspetos que dizem respeito sobre as mulheres que emigram, descrevemos qual o impacto da representação, fazemos uma breve referência às estruturas locais de apoio à integração dos migrantes, e falamos também sobre o papel do educador social na intervenção com migrantes.

No capítulo II relativo ao estudo empírico, serão formulados as questões de investigação - *Qual o impacto que a representação e as questões de género têm na vida dos migrantes*

*cabo-verdianos?*, - *Como que a representação e o género podem influenciar nas percepções dos migrantes cabo-verdianos?* e definidos os objetivos: *Conhecer a realidade de vida dos migrantes cabo-verdianos em Bragança; Analisar a forma como a representação e o género afetam os migrantes cabo-verdianos em Bragança; Perceber as razões pelos quais os migrantes cabo-verdianos vivem em Bragança; Perceber se existe alguma instituição em Bragança que ajude os migrantes e qual o trabalho que realizam com eles e Compreender as migrações a luz das questões de género..* Serão apresentados os procedimentos e métodos utilizados para a seleção da amostra, não probabilística, por conveniência, constituída por 21 migrante cabo – verdianos em Bragança. Será apresentada a metodologia utilizada, sendo esta de natureza mista, qualitativa e quantitativa e as técnicas de recolha de dados que tiveram por base um inquérito por questionário e duas entrevistas aplicadas 2 técnicos, um da Cruz Vermelha de Bragança e outro da Cáritas de Bragança. São ainda apresentadas as questões éticas tidas em conta para a obtenção de toda a informação e a forma como a informação obtida vai ser tratada.

Quanto ao capítulo III, abordar-se-á a apresentação, bem como análise e discussão dos resultados que foram adquiridos por meio dos inquéritos por questionário e também das entrevistas efetuadas em duas instituições, através do qual a análise de conteúdo nos ajudará com a avaliação das respostas fornecidas pelos respetivos entrevistados. A transmissão da análise dos dados será efetuada com tabelas, que demonstrarão percentagens e os números referentes a uma análise estatística, uma análise demonstrada de modo descritivo e justificado, complementando os dados alcançados nos inquéritos. Mediante estes dois métodos tencionamos sublinhar o impacto que a representação e o género têm na vida dos migrantes cabo-verdianos, e como podem influenciá-los em relação as suas percepções., como também perceber quais instituições presentes em Bragança prestam ajudas aos migrantes e o trabalho realizado pelas mesmas.

Nas considerações finais abordaremos os resultados da investigação refletindo sobre o trabalho realizado. Por fim, apresentaremos as referências bibliográficas que sustentaram o estudo e os anexos necessários para a compreensão do estudo.

## Capítulo I Enquadramento teórico

Neste capítulo, apresentaremos os fundamentos teóricos que serão utilizados para fundamentar o estudo da *Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o Discurso*.

### Breve contexto sócio -histórico

Como o nosso estudo incide sobre os migrantes cabo-verdianos, torna-se pertinente apresentar uma breve caracterização deste arquipélago, nomeadamente a sua língua, cultura, religião, história, etc. para uma melhor compreensão e também porque são aspetos que marcam características sociais que pode ter influência naquilo que é a representação.

O arquipélago de Cabo Verde é constituído por dez ilhas e alguns ilhéus, ocupando aproximadamente 4033 km<sup>2</sup> de área. Esses elementos estão distribuídos em dois agrupamentos geográficos: barlavento e Sotavento. O grupo Barlavento é formado pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, além dos ilhéus Branco e Raso. Por outro lado, o grupo Sotavento abrange as ilhas de Santiago, Maio, Fogo, Brava, juntamente com os ilhéus secos de Rombo (Peixeira, 2003).

Descoberto e colonizado no século XV, especificamente em 1460, por exploradores italianos e portugueses, Santiago foi a primeira ilha a ser habitada.

A língua nativa em Cabo Verde é o crioulo cabo-verdiano, enquanto a língua oficial é o português. No que diz respeito às crenças religiosas, a maioria da população, cerca de 90%, segue a fé cristã católica. De facto: "os restantes 10% estão divididos entre a religião cristã protestante e a fé praticada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. A presença da religião muçulmana no país foi introduzida por cidadãos provenientes da África francófona e anglófona, sendo que apenas uma pequena parcela da população cabo-verdiana a professa" (Ramos, 2016, pp. 21-22).

Em 1997, Semedo diz-nos que a cultura cabo-verdiana pode ser retratada como sendo uma fusão entre a cultura portuguesa e também a africana. Dos portugueses, os cabo-verdianos receberam incidências, como elementos numa escala linguística, a religião, técnicas para efetuar trabalhos, hábitos alimentares, estrutura familiar e o modo de vestir. Já em relação com a cultura africana, receberam influências no que toca a certos ritmos musicais, danças e instrumentos musicais, abarcando o uso do pilão, a tabanca, o batuque, bem como o *colá*. Adicionalmente, a contribuição da cultura africana espelha-se com manifestações simbólicas, certos aspetos linguísticos e ainda com uma percentagem do género alimentício

(Filho, 1981).

Pelas palavras de Semedo & Turano (2007), Cabo Verde experimentou uma "coesão multicultural precoce, identificando-se através de mecanismos culturais dinâmicos, principalmente com a língua crioula e, de forma geral, com uma coesão étnico-cultural que ainda está distante de ser alcançada pelos países resultantes de outras ex-colónias portuguesas" (p. 17). Os processos de colonização das ilhas de Cabo Verde evidenciam a convivência de indivíduos com culturas distintas no mesmo espaço geográfico.

Saint-Maurice (1997), aponta que a solidariedade é um dos traços culturais predominantes na cultura cabo-verdiana. Sua origem pode ser atribuída, em parte, às condições naturais desafiadoras enfrentadas pela população ao longo da história, assim como à influência do fator insular, onde o oceano se torna um elemento fundamental nas formas de vida e convivência.

É pertinente também abordar alguns aspetos sobre a cidade de Bragança, levando em consideração que é o espaço de foco desta investigação. Sendo assim, é uma cidade composta por 39 freguesias. Segundo Costa & Lucena (2013), a história de Bragança é composta pela tentativa de estabelecer um centro regional dominante na região mais periférica do reino. Diz-se que esse processo se iniciou com D. Sancho I, que se concentrou em celebrar uma estreita ligação entre a família dominante do Nordeste e o poder régio, para que houvesse uma maior autoridade na região brigantina. Foi nesse contexto que a cidade de Bragança foi fundada em 1187.

A meu ver, qualquer lugar onde haja a inserção de migrantes deve sempre haver condições de vida favoráveis, e, felizmente graças ao Instituto Politécnico de Bragança, com as suas quatro escolas de ensino superior, acaba por atrair tanto estudantes nacionais quanto internacionais para este distrito, como é o caso dos cabo-verdianos, que são o público-alvo desta investigação, por ser um bom ambiente escolar, social, etc. Então, seguindo esta linha de raciocínio, as principais razões citadas por aqueles que optam por trocar seu país de origem pela cidade de Bragança são a tranquilidade do local, o ambiente acolhedor, as boas condições de trabalho e a forma calorosa com que os habitantes locais recebem as pessoas.

## 2. Reflexão em torno dos conceitos: Género, migração e representação

### Género

Com frequência o termo “género” é empregue como sinónimo de “sexo”, no entanto, são dois conceitos distintos pelo que é relevante fazer uma distinção entre ambos:

Conforme Andersen (1997: 20) citado por Ribeiro (2005, p. 15), “sexo” diz respeito à identidade biológica de uma pessoa que a categorizam como macho ou fêmea, enquanto “género”, está relacionado com as características socialmente construídas, envolvendo, a atribuição de papéis distintos entre homens e mulheres, e sua natureza depende da sociedade em questão, ou seja, o género é uma construção social que varia ao longo do tempo e em diferentes espaços sociais”.

Na perspetiva de Lauretis (1994), o conceito de género é “a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria “, (p.10). Portanto, o género não retrata um indivíduo em si, mas sim uma interação social; em resumo, ele representa um indivíduo por meio da sua associação a uma classe.

Podemos dizer que nos últimos anos, o género consolidou-se como uma categoria que abrange diversas áreas das ciências sociais e humanas, conforme evidenciado pela extensa produção literária acerca do assunto.

Grassi e Évora (2007) salientam que:

A categoria analítica de género é uma categoria transversal a todas as sociedades que diz respeito às dinâmicas socialmente construídas que veiculam as diferenças entre homens e mulheres na distribuição dos rendimentos e no acesso aos recursos e aos direitos de cidadania. O termo “género” aparece nas ciências sociais como conceito para defender que, independentemente das diferenças biológicas, há muitas maneiras de construir diferenças sociais. As diferenças entre homens e mulheres são uma construção social, e as variáveis culturais que encontramos nos desempenhos quotidianos dos papéis masculinos e femininos não resultam de uma inevitabilidade biológica, mas de opções sociais, conjunturais e culturais. Estas criam e legitimam ideias de comportamento especificamente feminino e masculino que estão relacionadas com o estatuto social de cada um destes agentes, estando na base de relações estruturais de desigualdade entre homens e mulheres que se manifestam tanto no mercado de trabalho como nas estruturas políticas ou no interior da família (p.14).

Se de um lado, o conceito de género, assim como os conceitos de desenvolvimento, etnia e classe, pode ser considerado como um conceito transversal que se encontra na interseção entre as esferas científica e política (cf. Coquery Vidrovitch), citado por Grassi (2003, p.72). Por outro lado, a abordagem desse conceito possibilita a análise das estruturas políticas, psicológicas, económicas e socioculturais que compõem a complexidade social (Grassi, 2003, p.72).

Importa salientar que a primeira abordagem significativa do conceito de género parece emergir na literatura sobre migrações em 1992, na introdução do livro "*Gender and Migration*" de Sylvia Chant e Sarah Radcliffe. As autoras destacam que, até aquele momento, os estudos sobre mulheres e migrações haviam se limitado a estabelecer as discrepâncias numéricas entre os sexos nos fluxos migratórios, sem realizar uma análise substancial das diferenças em termos de género, também aqui tivemos em conta como instrumento teórico na análise desta temática os fundamentos da interseccionalidade.

## **Migração**

Quando se efetua um estudo sobre migração, é importante estabelecer claramente o significado do conceito em questão.

A origem do conceito de migração deriva do termo latim *migrare* que significa mudar de um local para outro. Esse conceito está associado ao deslocamento da população de um lugar para outro, seja temporariamente ou de forma permanente (Birou, 1977).

Pires (2003, 58), aponta dois autores internacionais que abordaram o tema da migração. "Mangalam, que define migração como um deslocamento (no espaço) entre sistemas de interação. Por outro lado, Eisenstadt, que conceitua migração como a transição física de um indivíduo ou grupo de uma sociedade para outra, frequentemente implicando o abandono de um contexto social e a entrada em outro".

Pode-se mencionar que existe dois tipos de migração, fundamentalmente a forçada e a voluntária. Ao falar-se sobre a migração forçada, há a obrigatoriedade de que populações migrantes de se deslocarem de seus respectivos países de origem, especificamente, os refugiados devido a certos fatores, essencialmente fatores políticos, como guerras de carácter civil, conflitos ou ambientais, como por exemplo, fome, catástrofes naturais, ou nucleares. Essa definição é fornecida pela *International Association for the Study of Forced Migration* (IASFM), conforme citado por Dias e Rocha (2009, 21).

Nesta situação, inicialmente, não há incentivo para deixar o país ou área de residência

(*Janssens, Bosmans e Temmerman in Dias e Rocha, 2009, 21*). A decisão de migrar, nesse contexto, é impulsionada como uma maneira de evitar ameaças, violência, detenção ou até mesmo morte (*IASFM in Dias e Rocha, 2009, 21*). Já a migração voluntária, as pessoas, influenciadas por pressões e estímulos, optam por migrar voluntariamente com o objetivo de aprimorar suas condições de vida.

Além disso, os autores afirmam que é possível distinguir "entre migração regular e irregular. migrantes regulares, ou seja, migrantes documentados, são todas as pessoas que entram, permanecem e trabalham num país de trânsito ou de acolhimento e são reconhecidas e permitidas pelas autoridades oficiais, já os migrantes irregulares e sem documentos, são pessoas que entram e/ou permanecem em trânsito ou nos países de acolhimento sem autorização legal" (*WHO in Dias e Rocha, 2009, 21-22*).

Portugal tem visto um fluxo migratório consistente ao longo do tempo. No começo dos anos 2000, as principais razões para imigração no país estavam principalmente ligadas a emprego. No entanto, nos últimos anos, tem havido um aumento no número de pessoas migrando para Portugal por motivos de estudo e para reunir-se com suas famílias (*Novo et al. 2023, apud Oliveira & Gomes, 2019*).

## **Representação**

O conceito de representação foi consolidado por Serge Moscovici através de sua obra "La Psychanalyse: son image et son public" em 1961. Moscovici (1976, conforme citado por Vala & Castro, 2013), examinava como o progresso científico introduzia na sociedade novos temas de reflexão, desencadeando assim novas ponderações em comunidades e grupos. Portanto, era relevante compreender de que maneira as inovações e avanços científicos poderiam influenciar a transformação social e cultural, alterando o pensamento e o conhecimento na sociedade.

Pelas palavras de (Negreiros, 1995), a compreensão do termo "representação social" é desafiadora e resistente à síntese, uma vez que envolve conceitos provenientes tanto da esfera sociológica, como ideologia, cultura, norma e valores, quanto da esfera psicológica, como imagem, pensamento, opinião e atitude. As representações sociais estão intrinsecamente ligadas a sistemas de pensamento mais abrangentes, sejam eles ideológicos, culturais ou científicos, e também são influenciadas pela condição social, além da experiência privada e afetiva de cada indivíduo.

Conforme Jodelet (1989, citado por Vala, 1993, p. 354), o conceito de representação social é delineado como "uma forma de conhecimento, desenvolvida e compartilhada socialmente,

com um propósito prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um grupo social." Podem ser comparadas, na nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; também podem ser consideradas como a interpretação contemporânea do senso comum" (citado por Vala, 1993, p. 354). Na perspectiva de Doise (1986), as representações sociais são descritas como "princípios geradores de posições relacionadas às inserções específicas no contexto das relações sociais e organizam os processos simbólicos envolvidos nessas relações" (citado por Negreiros, 1995, p. 83).

Conforme destacado por Moscovici (2009), as representações que desenvolvemos tornam-se uma parte intrínseca do nosso cotidiano, integrando tópicos de discussão com amigos ou familiares, e até mesmo as notícias que consumimos. As representações, originadas de interações e influências sociais, formam a base para estabelecer conexões com os outros. O conhecimento se manifesta por meio da interação e comunicação entre os indivíduos, nos quais são expressos os interesses e necessidades humanas.

Paula Castro (2002), ao analisar o campo teórico da psicologia social, descreve as representações sociais considerando dois pontos de referência principais:

- a) A construção social do sentido, que sustenta que as representações sociais são construções criadas e partilhadas pelo grupo;
- b) A noção de investigar a atividade mental, representação e reinterpretar o que a sociedade considera adquirido.

Moscovici (1988) distingue três categorias de representações sociais em relação à evolução da sua teoria:

— Representações sociais hegemónicas: representações que são comuns, inquestionáveis e fundamentais para uma sociedade.

— Representações sociais emancipadas: surgem em relações intergrupais e ajudam a distinguir grupos divergentes.

— Representações sociais polémicas: são representações que refletem opiniões divergentes de grupos com interesses e perspectivas diferentes sobre o objeto da representação.

Ana de Saint-Maurice (1997) ao analisar a interação entre a classe social e a etnia dos cabo-verdianos em Portugal, destaca os limites das representações da identidade em relação aos outros significados. Aqueles que pertencem à classe superior demonstram orgulho em sua etnicidade, enquanto em escala de comportamento destacam parença com o grupo dominante da sociedade recetora.

No que toca aos cabo-verdianos das classes mais baixas, estamos diante um processo de distinção quer em escala das representações e dos comportamentos, relegando-os para uma posição de exclusão social (Saint-Maurice, 1997).

É relevante destacar que os conceitos analisados acima são a base desta investigação, portanto, são importantes, tendo em conta que sustentam o trabalho em questão e também nos ajudam a refletir sobre a abordagem teórica.

### **3. O sistema patriarcal e os estereótipos de género**

Massapina (2019) sustenta que

Desde o início dos tempos, a mulher parece ter estado sempre numa posição subordinada em relação ao homem. O domínio da esfera pública foi detido durante muito tempo pelo homem, remetendo-se a mulher à esfera do privado, ao lar e ao cuidado dos filhos. (p.7).

De facto, segundo Habermas, “na Grécia antiga, era o cidadão grego que detinha o poder sobre a mulher, a reprodução da vida e o trabalho dos escravos; tudo o que a eles dizia respeito pertencia à esfera privada. O seu papel enquanto cidadão, enquanto homem «público», existia numa esfera diferente da doméstica”, (Habermas, 1991, citado por Massapina, 2019, p. 7).

Na Idade Média, às mulheres viam as oportunidades lhes serem negadas, as quais um homem, mesmo pertencendo a uma classe mais pobre, este tinha a possibilidade de se ascender na sociedade, como por exemplo, na educação em escolas da igreja e a carreira eclesiástica. Somente mulheres pertencentes a classes mais altas tinham a possibilidade de se tornarem freiras (Shahar, 2003). Ainda nesta época, Shahar (2003, p. 3) nos diz que “a good woman is one who loves and serves her husband and brings up her children”.

Mesmo posteriormente, com a consolidação da família burguesa, a lógica vital ao papel da mulher permanecia nos mesmos padrões: a jovem burguesa era educada em casa pela mãe, onde aprendia as responsabilidades domésticas e as "artes do ócio". A mulher burguesa prosseguia sendo confinada em exclusivo à esfera privada, em que cuidava da educação dos filhos e da administração do lar (Perrot, 2009)

Os estereótipos de género dão lugar a discriminação das mulheres. Eles são vistos como resultante da cultura patriarcal e, especialmente, da suposição da suposta natural inferioridade das mulheres em relação aos homens (Amussen, 2018).

Os homens são geralmente valorizados, percebidos como sendo capacitados e orientados para os resultados, sendo atribuídas a eles características naturais de liderança, o que lhes confere maior pertinência (Bosak & Sczesny, 2011).

A posição de inferioridade em relação às mulheres as restringe principalmente em responsabilidades no âmbito privado e de cuidado (Agostinho *et al.*, 2013). Apesar de serem

mitigados por imperativos legais, os estereótipos de género prosseguem restringindo as oportunidades de ascensão na carreira das mulheres.

Os ambientes de trabalho colaboram para a reprodução dos estereótipos de género, pois são organizados com base em crenças predominantes sobre as diferenças entre homens e mulheres. Isso favorece a persistência das desigualdades e formas de discriminação baseadas no género, a qual, os homens geralmente têm acesso as promoções com mais facilidade do que as mulheres, mesmo quando estas últimas possuem qualificações mais adequadas (Moller & Gomes, 2010).

As mulheres são frequentemente estereotipadas como sendo menos competitivas e agressivas do que em relação aos homens, sendo vistas como mais dóceis, sentimentais e com uma maior emoção. Essa perceção representa uma desvantagem no acesso ao mercado de trabalho e, sobretudo, a cargos de liderança. Como alega Silva (2008, 2) “uma das conceções correntes da discriminação sexual assentaria numa visão sociobiológica, a qual tende a veicular a ideia preconcebida de que, enquanto o homem seria um ser mais ativo e agressivo, mais predisposto ao combate público e ao sucesso, a mulher deteria uma construção biológica mais passiva e orientada para a procriação e o cuidado da casa. Uma tal posição ideológica patriarcal e social-darwinista pretende, em última instância, justificar o tradicional domínio do mais forte social e politicamente: o homem”. De acordo com este autor, a dicotomia entre o masculino e o feminino, que se baseia num fenótipo sexual distinto, é vista como um mero instrumento de dominação masculina (Silva, 2008).

Para Simone de Beauvoir (2008), a submissão das mulheres aos homens provem de atividades desempenhadas por ambos os sexos. Enquanto as mulheres, apesar de serem as que dão à luz, realizavam trabalhos que eram compatíveis com a maternidade, porém não geravam nada de novo. Dessa forma, parece que o patriarcado foi estabelecido por meio de associação de poder entre os sexos, as quais surgem da interação entre as diferenças, as condições ecológicas e os valores culturais predominantes (Archer & Lloyd, 2002).

A visão predominante entre a maioria dos autores é que a socialização de género, iniciada na infância e na qual os pais desempenham um papel fundamental, é a principal responsável pelas diferenças psicológicas entre homens e mulheres (Chaplin & Aldão, 2012). Foi necessário um longo período para que o sistema patriarcal começasse a ser questionado, e foi no século XX que ocorreu um avanço sem igual em termos dos direitos das mulheres e da igualdade de género (Coelho, 2020).

#### **4. Migrações cabo-verdianas**

A emigração cabo-verdiana apresenta aspetos distintivos ao se considerar a história peculiar do arquipélago e as suas adversidades naturais, conhecidas como as ilhas "flageladas pelos ventos do Leste". A história das ilhas é marcada por ciclos de abandono e repovoamento, por secas frequentes que resultavam na rápida venda de escravos e na necessidade de os trabalhadores livres migrarem para outras colónias portuguesas (Mata, 1991, citado por Grassi & Évora, 2007, p. 24). A emigração é uma parte integral da realidade do arquipélago, já que mais da metade da população vive fora do país.

Continuando nas palavras de Grassi & Évora (2007, p.24), por mais de um século, a emigração voluntária das ilhas para os Estados Unidos, Portugal ou Holanda tem sido encarada pelos cabo-verdianos como inevitável, mas também como uma fonte de esperança e um sonho de realização.

Ainda segundo essas autoras, os aspetos de género no que concerne ao movimento migratório do povo cabo-verdiano, também estão relacionadas com a conceção de trabalho na sociedade cabo-verdiana. A noção de trabalho produtivo em Cabo Verde, como em muitos países da África subsariana, tem sido objeto de questionamento em diversos estudos sobre a divisão do trabalho e o papel das mulheres no desenvolvimento. A emigração era praticamente exclusiva aos homens, enquanto os movimentos migratórios femininos geralmente se restringiam às viagens entre as ilhas a fim de comercializar produtos agrícolas. As mulheres imigravam menos e, quando o faziam, frequentemente era por iniciativa dos homens: pais, maridos ou companheiros.

A emigração cabo-verdiana teve um crescimento, com períodos de ritmo mais acelerado do que outros. A segunda metade da década de 70, especialmente entre os anos de 1974 e 1976, destacou-se como um dos períodos de maior ênfase, devido ao processo de descolonização dos PALOP. O número de migrantes cabo-verdianos aumentou significativamente após o acontecimento do 25 de abril, principalmente na década de 80, atribuindo-se esse aumento ao fato de se tornarem alvos de redes de trabalho ilegal, especialmente na construção civil (Oliveira & Galego, 2005).

A migração é um dos fatores que permite o desenvolvimento do país, acabando por se constituir como um motor importante no crescimento económico. Ultimamente, essa dinâmica tem sido apoiada por uma maior presença da mulher, devido ao fato estabelecido de que na sociedade cabo-verdiana, a mulher é mais empreendedora do que o homem (Marzia Grassi, 2003).

Segundo Casimiro (2008: 42), “[...] um dos grandes fatores que impeliram (e impelem) o cabo-verdiano para a emigração, por vezes incontrolada, são as secas”.

Segundo Góis (2015), o processo migratório cabo-verdiano para Portugal evidencia um

conjunto de práticas transnacionais que se desenrolam em diversos espaços, como o arquipélago de origem, o país de destino e outros países intermediários. Além disso, destaca-se a relevância da dispersão das famílias cabo-verdianas, que, enquanto agentes transnacionais, operam em redes intersectadas, sustentando e dinamizando esta circulação migratória.

Ainda pelas palavras deste mesmo autor no que concerne as práticas transnacionais, os imigrantes cabo-verdianos em Portugal, assim como as diferentes gerações dos seus descendentes, são fruto de distintas fases e ciclos migratórios. Esse contexto resulta numa marcante heterogeneidade, refletida em modos variados de inserção nos sistemas funcionais da sociedade portuguesa, em diferentes posições sociais, pertencendo a diversas classes sociais e adotando práticas transnacionais igualmente variadas.

Em relação a dados recentes da emigração cabo-verdiana, segundo a Agência Lusa (2022), consultado online, o jornal online Lusa (2022) mais de 60 % dos aproximadamente 18.000 cabo-verdianos que deixaram o seu país para emigrar nos cinco anos anteriores ao censo populacional de Cabo Verde conduzido em 2021 escolheram Portugal como destino, sendo que a maioria foi por motivos de estudo, depois por agrupamento familiar, também pelo motivo de busca por trabalho, e ainda por questões de saúde.

É necessário falar também acerca da migração de mulheres, a qual, será abordado em seguida.

## **5. Mulheres que emigram**

No parecer de Santana (2008), a maioria das pesquisas relacionadas com a migração até há pouco tempo, não considerava as mulheres como um grupo distinto. A autora identifica dois motivos para isso: primeiramente, as teorias migratórias eram influenciadas pela teoria económica, que subestimava o papel económico das mulheres, e secundamente, dado que a presença da mulher na literatura era principalmente retratada como esposas de homens migrantes, mães de migrantes, viúvas de migrantes, ou filhas de migrantes. Por outras palavras, a mulher migrante era vista como alguém dependente da figura masculina. Dentro dessa perspetiva, Gonçalves & Figueiredo (2005, p. 63) argumentam que a avaliação dos movimentos migratórios, tanto a nível internacional quanto nacional, frequentemente encarava a imigração como um fenómeno neutro em relação ao género, muitas vezes negligenciando o papel das mulheres nesses fluxos migratórios.

Em 1960, supõe-se que houvesse pelo menos cerca de 35 milhões de mulheres migrantes,

em comparação com 40 milhões de homens migrantes. Desde então, as mulheres migrantes têm sido quase tão elevadas quanto os homens migrantes. Ainda que o número total de migrantes no mundo ter sido dobrado nos quarenta anos posteriores, a disparidade na proporção de homens e mulheres permaneceu relativamente estável: em 2000, havia cerca de 85 milhões de mulheres migrantes em comparação com aproximadamente 90 milhões de homens (Zlotnik, 2005).

Como descrito por Raijman & Semyonov (1997), citado por Massapina (2019), “As mulheres migrantes parecem, devido à segregação sexual, ter disponíveis um número mais pequeno de ofertas de emprego ou de categorias profissionais do que os homens, especialmente no que diz respeito às migrantes pouco qualificadas (acabando, por vezes, a desempenhar atividades semiprofissionais). Para além disto, é possível que existam constrangimentos relacionados com a família, uma vez que a falta de uma rede social de apoio para as ajudar a tomar conta das crianças pode limitar a sua capacidade de participação no mercado de trabalho de país de destino “, (p.19).

Kofman (2013) alega que, há indícios de que mulheres qualificadas estão deixando seus países de origem em maior número do que os homens, e que elas estão excedendo em quantidade em diversos países da Europa. No entanto, tem sido observado que há pouca consideração sobre como as políticas de imigração afetam de maneira distinta homens e mulheres, e como isso acaba por intensificar as disparidades de género.

Conforme afirmado por Miranda (2009, p. 23), "uma abordagem analítica mais aberta no campo dos estudos sociais tem sido fundamental para aumentar a consciência das mulheres migrantes, proporcionando uma maior visibilidade à sua contribuição económica". No entanto, para além do seu papel económico, as mulheres também têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel adicional no âmbito dos serviços domésticos na família. Esta atividade, apesar dos progressos significativos na divisão do trabalho doméstico, permanece predominantemente associada às mulheres pela sociedade.

Falando mais concretamente sobre as mulheres cabo-verdianas que emigram, na visão de Miranda (2009, p. 37), no início, elas acompanhavam os seus maridos através do processo de reagrupamento familiar. Contudo, várias dessas mulheres chegaram sozinhas, formando assim famílias monoparentais e assumindo a responsabilidade de sustentar os filhos por conta própria.

Consoante o estudo feito por Saint-Maurice (1997, p. 149) sobre "Identities Reconstruídas de cabo-verdianos em Portugal", as mulheres cabo-verdianas migrantes em Portugal são predominantemente empregadas como domésticas ou comerciantes, com níveis educacionais relativamente baixos, e muitas delas chegaram a Portugal durante os anos 80.

Convém falar também acerca do feminismo negro, em que, a autora (Crenshaw, 1989, p. 139) nos diz que as mulheres negras enfrentam um desafio único de discriminação que pode ser comparado a um cruzamento movimentado. Assim como o tráfego flui em várias direções num cruzamento, a discriminação contra mulheres negras pode vir de múltiplas fontes e direções, como também, as mulheres negras enfrentam uma realidade complexa no que diz respeito à discriminação. Em certos casos, suas experiências se assemelham as das mulheres brancas, enfrentando preconceitos baseados no género. Em outras situações, compartilham desafios similares aos homens negros, lidando com o racismo. Portanto, ao analisar a discriminação enfrentada por mulheres negras, é crucial considerar a interseção de diferentes formas de preconceito, reconhecendo que elas podem ser afetadas simultaneamente por questões de género e raça, entre outras possíveis formas de discriminação.

## **6. O impacto das representações sociais sobre migrantes**

É relevante destacar que os migrantes enfrentam diversos preconceitos e mitos relacionados à sua chegada a Portugal, frequentemente decorrentes de representações na sociedade (Miranda, 2021).

Na opinião de Ramos, Louceiro & Graça (2016), há uma tendência de ver os migrantes como uma ameaça, muitas vezes fundamentada em crenças e preconceitos que geram pensamentos negativos. Esse cenário frequentemente resulta na criação de mitos que distorcem a realidade e impedem o reconhecimento dos benefícios que os migrantes podem trazer para o país e a sua população em geral. Os mitos e preconceitos associados aos migrantes podem dificultar significativamente a sua inclusão e, conseqüentemente, afetar o seu bem-estar e qualidade de vida quotidiana.

De acordo com Ferreira (2012), a persistência do racismo, da discriminação e da xenofobia é evidente nos tempos atuais, sendo particularmente expressa na Europa pelo descontentamento em relação às minorias, incluindo questões de raça, etnia, orientação sexual e religião. Na visão de Almeida e Silva (2007), em geral, há uma compreensão significativamente limitada sobre os verdadeiros impactos da imigração, levando à criação inconsciente de mitos devido à falsa percepção de ameaça representada pelos migrantes. Algumas opiniões são expressas com base num entendimento equivocado dos impactos económicos. Pode-se mencionar alguns mitos com base em erros, como, a percepção da imigração como uma invasão de estrangeiros é comum. No entanto, os migrantes que escolhem Portugal vêm com uma mentalidade de contribuir para o sucesso do país,

beneficiando tanto eles próprios quanto os cidadãos nacionais, também o erro de um estereótipo de que os migrantes não são benéficos pode levar a um sentimento de exclusão e distanciamento, dificultando a sua integração. Tanto os emigrantes (que deixam o seu país de origem) quanto os imigrantes (que chegam a Portugal) são frequentemente considerados corajosos, pois valorizam a iniciativa de recomeçar as suas vidas em outro lugar, e ainda, ao atribuir aos migrantes a intenção de se aproveitar das condições de vida em Portugal, muitas vezes são rotulados como parasitas.

## **7. Estruturas locais de apoio à integração dos migrantes**

Diante da crescente diversidade do fenómeno migratório, surge a questão de até que ponto as políticas nacionais uniformes serão capazes de atender ou acomodar as necessidades específicas de cada região. É inegável que cada localidade possui as suas próprias particularidades, as quais podem exercer um impacto significativo no processo de integração dos migrantes. Diante disso, torna-se imperativa a necessidade de intensificar políticas, ações e estratégias em nível local, visando uma integração eficaz dos migrantes e a promoção do diálogo intercultural entre a população migrante e a nativa (Pires, 2016).

Após as entrevistas realizadas e a informação coletada, constatou-se a existência de algumas estruturas de apoio disponíveis aos migrantes para a sua integração em Bragança, com destaque para o CLAIM (Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes) a Cáritas Diocesana de Bragança-Miranda, e a Cruz vermelha – Delegação Bragança.

A Cáritas Portuguesa congrega vinte Cáritas Diocesanas e uma vasta quantidade de grupos de paróquias e comunidades, conferindo-lhe uma expressiva presença local e uma proximidade significativa com as pessoas (Rodrigues, 2018).

Cada Cáritas Diocesana possui autonomia jurídica e canónica, possibilitando a definição de prioridades e ações correlatas, a formação de parcerias e a atuação em nível local. No entanto, é necessário fomentar a integração programática com outras entidades (Rodrigues, 2018).

Ainda segundo Rodrigues (2018), a Cáritas tem como missão “o desenvolvimento humano integral e a defesa do bem comum intervindo em ordem à transformação da sociedade. Através da animação da Pastoral Social, fomenta a partilha de bens e a assistência em situações de calamidade e emergência”. Saliencia como valores a centralidade e a dignidade da pessoa humana, a misericórdia, a igualdade de oportunidades, a opção pelos pobres, o cuidado da criação, o destino universal dos bens da terra, a solidariedade, a subsidiariedade, a cooperação e a comunhão fraterna.

No que concerne aos CLAIM, envolve espaços destinados ao acolhimento e prestação de informações, visando apoiar o processo de acolhimento e integração, por meio de um trabalho de articulação com estruturas locais (ACM, 2022).

A presença de respostas como os CLAIM emerge como algo de significativa relevância nas sociedades contemporâneas. Os migrantes representam segmentos minoritários nas comunidades receptoras e constituem populações particularmente vulneráveis à discriminação racial, ao preconceito étnico, à pobreza e à baixa posição socioeconômica (Monteiro, 2008).

Com a finalidade de fomentar um serviço de atendimento e, acima de tudo, uma integração próxima, os CLAIM surgem de parcerias estabelecidas entre o Alto Comissariado para as migrações e diversas entidades, como autarquias, associações de migrantes, Instituições Particulares de Solidariedade Social, Organizações Não Governamentais, centros paroquiais, entre outras. Em colaboração, essas entidades promovem um serviço de atendimento integrado. Em certas regiões, esse atendimento é realizado de forma itinerante, levando os serviços até aos migrantes que de outra forma não teriam acesso, seja devido à falta de mobilidade ou à ausência de outros recursos. O caráter itinerante implica que os atendimentos sejam feitos em diferentes locais do concelho, como juntas de freguesia, centros de emprego, locais de trabalho, entre outros, geralmente através de marcação prévia (Folheto Institucional da Rede CLAI, 2010, citado por Malheiros 2011).

Em relação à Cruz Vermelha Portuguesa, é uma organização humanitária voltada para a solidariedade social, oferecendo serviços e apoios sociais à população em geral, com ênfase especial em grupos vulneráveis. No momento, esta instituição atende às demandas atuais. "Em torno de um milhão de pessoas são beneficiadas anualmente" atuando em quatro áreas: Saúde, Ação Social, Emergência e Ensino/Formação (Cruz Vermelha, s.d.).

A Cruz Vermelha Portuguesa oferece assistência anualmente a aproximadamente 70 mil famílias em situação de vulnerabilidade e auxilia aproximadamente 312 refugiados. Além disso, oferece suporte "psicossocial a mais de 12,500 pessoas da comunidade", incluindo "colaboradores e grupos vulneráveis (Cruz Vermelha, s.d.)". No que diz respeito ao suporte à vítima, "casas de acolhimento de emergência, estruturas de atendimento, teleassistência "e meios de "transporte a vítimas" (Cruz Vermelha, s.d.).

Há 170 estruturas locais espalhadas pelo país, que podem ser Delegações ou Centros Humanitários, cada uma com sua própria direção responsável pela gestão das atividades da instituição em nível local (Macedo, 2019).

A missão da Cruz Vermelha Portuguesa é prestar assistência humanitária e social, especialmente aos mais vulneráveis, prevenindo e aliviando o sofrimento humano, além de

contribuir para a defesa da vida, da saúde e da dignidade humana (Macedo, 2019).

## **8. O papel do educador social na intervenção com migrantes**

Neste estudo, buscamos promover e esclarecer a atuação do educador social na integração dos migrantes, enfatizando a relevância do seu papel no suporte à integração, em relação as representações sociais e o gênero.

O educador social é um técnico que deve atuar de várias maneiras para promover uma integração social positiva em diversos contextos, fundamentada na relação interpessoal, humana numa lógica pedagógica (Mateus, 2012).

Implementar uma intervenção social junto à comunidade migrante, incluindo as questões de gênero e representação é um desafio para o profissional, já que precisa considerar a diversidade cultural, a trajetória migratória, os elementos que resultaram na migração, lidar com situações de desigualdade de gênero, como também com situações de discriminação para com o migrante. O papel do técnico deve ser neutro, demonstrando uma atitude receptiva ao próximo, buscando identificar pontos fortes e identificando pontos fracos para resolver e incorporar no seu processo de intervenção.

Ser educador social (...) não basta apenas saber fazer, mas ser um profissional com motivação, empatia, persistência e compromisso na execução das suas tarefas, porque a sua ação permite moldar uma realidade social. (...) ter em consideração as suas aptidões e capacidade para fazer face aos desafios que se coloca, superando assim os obstáculos evidentes na sociedade. (...) é um dinamizador de grupos, um agente promotor de mudanças e de aproveitamento de recursos humanos e materiais disponíveis, quer local ou regional (Mateus, 2012, pp. 60 - 61).

O educador social deve impulsionar a sua intervenção com migrantes, o que implica um saber hermenêutico e prático em que a mediação sociocultural é um dos instrumentos a serem utilizados, pois concordamos que mediação deve ser “(...) associada a múltiplos contextos de diversidade social e cultural, com enfoque na integração de todos com vista a uma sociedade mais participada, justa e solidária” (Oliveira & Freire, 2009, p. 14).

De acordo com Carneiro (2005), na esfera social, a mediação se fundamenta na solução de problemas e conflitos que podem surgir e, para isso, um componente, neste caso o mediador, oferece suporte para resolver os conflitos, resultando num acordo entre as partes envolvidas. A mediação nos dias de hoje é tida como sendo um utensílio, com a finalidade, proporcionar desenvolvimento na sociedade, sendo mais fulcral e com um maior enfase nos países nos quais haja uma diversidade cultural significativa. Desta forma, implementar a mediação é

de extrema importância para haver uma melhor comunicação e interação entre culturas distintas.

Ainda de acordo com Carneiro (2005), o técnico que lida com migrantes em Portugal depara-se com pessoas distintas, com diversas culturas, identidades e comportamentos sociais que divergem da estrutura e funcionamento do país que acolhe. Devido às adversidades enfrentadas pelos migrantes, ao se deparar com as diversas formas de viver, quando comparadas à comunidade do país de destino, a mediação sociocultural é crucial para lidar com essas diferenças, desafios e auxiliar no estímulo à interculturalidade.

Para completar o seu trabalho com a negociação e mediação, o educador social pode usufruir de quatro parâmetros, nomeadamente, o reconhecimento da hipótese de conflito de valores e de comportamentos patológicos, também o reconhecimento de que o cliente é um colega na busca por soluções, na elaboração de uma perspectiva de aproximação com os migrantes e ainda, incrementar a participação cultural como sendo uma estratégia para adaptação (Bailard & Leanza, 2011, p. 104).

É neste sentido que o educador social deve ter como prioridade a mediação, bem como a interculturalidade, a pedagogia, incrementando e reconhecendo a educação entre várias culturas, dado que age como mediador de diálogo com o propósito de combater de frente com a exclusão social. A intervenção social neste panorama deve “procurar o diálogo intercultural promovendo uma educação na diversidade de todos e não uma educação para culturas diferentes” (Gonçalves, 2006, p. 115).

Nesta conjuntura, todas as instituições sociais deveriam possuir um educador social que lidasse somente com estas temáticas de migração, representação e género de forma a criar suportes necessários que permitam uma melhor integração e adaptação nesta cidade.

## Capítulo II

### Investigação empírica

Este capítulo aborda a investigação empírica em relação ao tema *Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o discurso*, abordaremos nomeadamente as questões de investigação/intervenção, a definição dos objetivos, a natureza da investigação, a metodologia e os instrumentos de recolha de dados. Também serão apresentados, os critérios de seleção e caracterização sociodemográfica da amostra, os procedimentos utilizados, o tratamento da informação como também questões éticas subjacentes numa investigação. Através desta investigação, pretende-se aprofundar a relação entre espaço e discurso.

Começaremos apresentando as questões de investigação/intervenção, e a definição dos objetivos.

#### 1. Questões de investigação/intervenção e os objetivos

Com o intuito de conhecer a forma como a representação e o género podem influenciar a vida dos migrantes em Bragança, formularam-se as seguintes questões:

- *Qual o impacto que a representação e as questões de género têm na vida dos migrantes cabo-verdianos?*
- *Como que a representação e o género podem influenciar nas perceções dos migrantes cabo-verdianos?*

Para responder as questões de investigação formuladas, os seguintes objetivos foram definidos:

- *Conhecer a realidade de vida dos migrantes cabo-verdianos em Bragança*
- *Analisar a forma como a representação e o género afetam os migrantes cabo-verdianos em Bragança;*
- *Perceber as razões pelos quais os migrantes cabo-verdianos vivem em Bragança;*
- *Perceber se existe alguma instituição em Bragança que ajude os migrantes e qual o trabalho que realizam com eles;*
- *Compreender as migrações a luz das questões de género;*

Seguidamente, serão apresentados os critérios associados na seleção da amostra, bem como, os respetivos procedimentos usados.

#### 2. Seleção da amostra e procedimentos utilizados

Sempre que se faz uma investigação, existe a necessidade de eleger uma amostra, que, pelas palavras de Morais (2005) institui “(...) um subconjunto da população usado para obter informação acerca do todo” (p.16).

Nesta investigação é apenas constituída por 21 inquiridos num número considerável de cabo-verdianos trabalhadores em Bragança. O reduzido número de participantes é devido ao facto de serem enviados 40 inquéritos e apenas obter 21 respostas de ambos os sexos.

Esta amostra, conforme Marconi e Lakatos (2003) designa-se como sendo uma amostra não probabilística, por conveniência, composto por pessoas que se disponibilizaram a participarem na investigação.

As respostas dos inquiridos geraram no preenchimento de um inquérito através do google *forms*.

A cada inquirido foi atribuído um código correspondente à letra I, seguido de um dígito (1 a 21) que identifica o número de participantes.

Doravante, será referido a pertinência do uso de uma metodologia, bem como a natureza da investigação, os instrumentos de recolha de dados, assim como as questões éticas ligadas ao estudo e o tratamento da informação.

### **3. Metodologia**

Morais (2013) afirma que a metodologia é o processo pelo qual é descrito como será realizada a investigação, quando será concluída, seu espaço temporal e físico, com quem participarão e, finalmente, como os resultados serão obtidos para análise. Portanto, a metodologia de uma investigação é o formato dela, isto é, o processo pelo qual a investigação será conduzida, especificamente os métodos a serem seguidos, usando ferramentas para coletar e analisar dados. Portanto, o mesmo autor diz-nos que “... cada investigação deve partir de uma intenção, fundamentar-se em conhecimento existente, obedecer a uma metodologia que permita definir processos que possam ser testados e replicados e obter dados de uma forma entendível e cientificamente aceite” (p.2).

Depois de realizado o enquadramento teórico, a qual constitui apoio teórico neste estudo, é necessário agora, referir o método e a natureza da investigação, que possibilitarão fundar cientificamente este trabalho.

#### **3.1. Natureza da investigação**

A metodologia refere-se ao processo que define como a investigação será conduzida, incluindo o cronograma e o local onde ocorrerá, além de especificar os participantes envolvidos. Ela também abrange as estratégias para alcançar e analisar os resultados. Em essência, a metodologia de uma investigação é o seu formato, detalhando os procedimentos a serem seguidos, bem como os instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados (Morais, 2013). Este autor, também destaca que “... cada investigação deve partir de uma intenção, fundamentar-se em conhecimento existente, obedecer a uma metodologia que permita definir processos que possam ser testados e replicados e obter dados de uma forma entendível e cientificamente aceita” (p.2).

Grawitz (1993) compreende que o método “como um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, corpo de princípios que presidem a toda investigação organizada, em conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar as técnicas” (pp.569-631).

No contexto de investigações científicas, na perspectiva de Carmo, (1998), diz-nos que “Historicamente, as investigações, quantitativa e qualitativa, estão associadas a paradigmas. Cada tipo de método corresponde a uma perspectiva paradigmática distinta e única (...) mas há outros que combinam (...) os dois métodos característicos de cada um dos paradigmas” (p. 177).

A metodologia escolhida para ser usada nesta investigação é especificamente de caráter qualitativo e quantitativo, levando em consideração que quando se utiliza inquéritos por questionário e entrevistas, diz respeito a uma metodologia mista.

Na perspectiva de Carmo e Ferreira (2008), a metodologia quantitativa está fundamentalmente relacionada com o estudo experimental ou quase experimental, a qual envolve a observação de fenômenos, como também o formular de hipóteses que explicam os mesmos fenômenos, com controle de variáveis, a seleção aleatória de sujeitos de pesquisa (amostragem), e verificação ou rejeição das hipóteses mediante uma coleta rigorosa de dados, mais tarde submetidos a análises estatísticas e ao uso de modelos matemáticos com o objetivo de testar essas mesmas hipóteses (p. 196).

Pode-se compreender que o método quantitativo fornece suporte para os dados estatísticos, aos quais geralmente são mostrados mediante gráficos, tabelas ou quadros, dispõe de uma natureza racionalista, transmite-se por meio de perguntas fechadas ou semiabertas, de forma que os inquiridos tenham assim liberdade para expressar as suas opiniões. Além disso, permite a identificação de amostras para um estudo qualitativo que inclui mais informações sobre a realidade a ser investigada, (Morais & Neves, 2007).

Relativamente a metodologia qualitativa, Minayo (2002), reflete que no que concerne a esta metodologia, responde a perguntas específicas (...) interage com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que se relacionam com o contexto mais profundo das relações, processos e fenómenos que não podem ser reduzidos ao uso de variáveis operacionais (p. 22).

De acordo com Alvarenga (2012), uma investigação qualitativa, “analisa a perceção dos participantes sobre a sua realidade e das suas próprias vivências, (...) uma investigação qualitativa interessa conhecer como as pessoas pensam, sentem e agem sobre um determinado assunto, ou seja, procura compreender as ações e atitudes dos sujeitos” (p.10). O uso desta metodologia na perspetiva de Sousa e Batista (2011), tem o propósito de perceber problemas e comportamentos, atitudes e princípios, por meio de uma análise de conteúdo, que mediante Lassarre (1978), citado por Amado (2017), “(...) não é senão um instrumento, uma série de operações destinadas a construir uma “grelha de análise”, cuja (...) a análise cobre processos tão diversos como a elaboração de conceitos e a interpretação de resultados” (p. 307).

Quando utilizamos quer a metodologia quantitativa, quer a qualitativa, na mesma investigação, suscita num estudo com caracter misto, no sentido em que, constitui tentativas para projetar um conjunto finito de informação para uma população mais ampla: uma população de indivíduos no caso típico inquérito quantitativo, ou uma coleção de observações na análise qualitativa (...), o objetivo em qualquer análise é adequar a técnica à inferência, a afirmação à comprovação (Shaffer & Serlin, 2004, citado por Morais & Neves, 2007, p. 2).

A propósito da análise dos dados, o método adotado é a análise de conteúdo, conforme apontado por Évora (2011), baseia-se na extração de conclusões categorizadas sobre o que as pessoas pensam das suas realidades. Os dados recolhidos por meio dos inquéritos por questionário possibilitaram realizar uma análise estatística descritiva, em que foram analisados, utilizando o *Microsoft Office Excel*.

Conforme explicado previamente, para executar esta investigação, adequou-se a uma metodologia de carater misto, com vertentes do paradigma de investigação quantitativa e também do paradigma qualitativo, recorrendo a instrumentos de recolha de dados, neste caso, através de inquéritos por questionário e de entrevistas com guião.

### **3.2 Instrumentos de recolha de dados**

Os instrumentos de recolha de dados deste estudo possibilitam contestar o problema, os

objetivos descritos, levando em consideração que, é crucial estabelecer com quem a investigação será realizada para conseguir dados que estejam em consonância com os objetivos estabelecidos, é essencial descrever de maneira clara e objetiva os procedimentos realizados, detalhando como os dados serão coletados, o tipo de informações esperadas e a escolha da técnica de coleta de dados mais apropriada. (Morais, 2005, pp. 4 - 5).

Em seguida, serão descritos os instrumentos de recolha de dados utilizados que se recorreu para realizar esta investigação.

### **3.2.1. Inquérito por questionário**

Conforme Sousa e Baptista (2011), nos ressaltam que há questionários com questões abertas, fechadas e também mistas, cada uma com suas próprias potencialidades e restrições, benefícios e inconvenientes.

De acordo com Tuckman (2012), o inquérito por questionário se fundamenta em um conjunto de questões e respostas escritas, onde o indivíduo constrói suas respostas de forma intencional.

Já na visão de Quivy e Campenhoudt (2005), o inquérito por questionário deve ser empregue quando a finalidade de um certo estudo seja a compreender uma população, enquanto as suas circunstâncias e estilos de vida, bem como as suas atitudes, os seus princípios ou pontos de vista, sendo um fenómeno social que se acredita ser possível compreender melhor com base em dados referentes aos indivíduos (p.189).

Amaro *et al.* (2005), complementam que o questionário “visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos” (p.3).

O inquérito por questionário foi construído pela autora do estudo (anexo 1), e será disponibilizado *online* através da plataforma grátis de formulários da Google (*Google Forms*) para os/as inquirido/as.

A sua estrutura é organizada por 3 blocos de categorias: categoria A. Caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as, categoria B. Representação e o género e a categoria C. Migração cabo-verdiana em Bragança.

Na categoria A não houve a necessidade de haver subcategorias. Já na categoria B, foram consideradas 2 subcategorias: B1. Integração profissional; B2. Contexto familiar e género. E na categoria C, foram também 2 subcategorias: C1. Migração em contexto regional; e C2.

Migração e género.

É constituído por questões abertas nas quais os/as inquiridos/as poderão comentar, a fim de obter mais informações e questões fechadas, como também a escala de Likert para analisar a perspetiva do/as inquirido/as sobre alguns pontos relevantes.

### **3.2.2. Entrevista semi-estruturada**

A entrevista é “um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um problema social, (...), trata-se de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária” (Marconi & Lakatos, 2003, pp. 195 - 196).

Na entrevista efetuada com guião “as questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, (...)” (Amado, 2017, p. 210). O autor realça que esta técnica possibilita um acesso àquilo que denomina como “não-observável” nomeadamente, “opiniões, atitudes, representações, recordações, afetos, intenções, ideias e valores que animam uma pessoa a comportar-se de determinado modo” (pp. 213 - 214).

A entrevista com guião (anexo 3) foi elaborada pela autora do estudo, com questões abertas, de modo a permitir que o entrevistado partilhe informações sem restrições.

Foram duas entrevistas gravadas, ambas no mês de maio de 2024, com uma duração média de 20 minutos, depois de ter sido lavrado o consentimento livre e esclarecido dirigido aos entrevistados (anexo 2). As entrevistas foram realizadas nas instalações da Cruz Vermelha de Bragança e da Cáritas de Bragança.

Foi esclarecido o seu propósito, indicando os objetivos a serem atingidas, assegurando o princípio do anonimato e da confidencialidade. Pediu-se permissão para a sua divulgação. Para a coleta e a transcrição completa das respostas fornecidas, garantindo que as informações serão exclusivamente empregadas neste estudo académico.

Feita a codificação T. cv equivalente a técnico da cruz vermelha e T. ct equivalente a técnico da Cáritas do cada participante, utilizamos, no corpo do trabalho, os excertos que julgamos mais adequados ao cumprimento dos objetivos que nos propomos atingir.

### **3.2.3. Categorias e subcategorias**

Nas palavras de Coutinho (2013), a categoria representa a generalidade de um conceito, ou seja, é um conjunto de unidades com características e traços similares. As categorias

auxiliarão na avaliação da informação obtida, estruturando os tópicos de acordo com as suas similaridades. As categorias auxiliarão no processo de análise e na organização da informação coletada por temas, auxiliando numa análise mais estruturada da investigação. No nosso estudo, a entrevista é composta por 5 categorias: a categoria A. Igualdade de género, categoria B. Dificuldades e hábitos, categoria C. Representações sociais, categoria D. Intervenção Socioeducativa, e a categoria E. Iniciativas e parcerias, sendo as categorias constituídas *à priori*. Na categoria A foram consideradas 2 subcategorias: A1. Existência da igualdade de género na instituição; A2. Género e Igualdade no exercício da profissão. Na categoria B foram consideradas 2 subcategorias: B1. Desafios da integração nos migrantes; B2. Tradição e Inovação. Na categoria C também foram considerados 2 subcategorias: C1. Representações da pessoa migrante; C2. Discriminação. Na categoria D, foram considerados 2 subcategorias: D1. Configurações da intervenção com a população migrante; D2. Apoios/ajudas. E ainda na última categoria, E, foram adotadas 2 subcategorias: E1. Protocolos da instituição com outras entidades; e E2. Formas de mediação. A seguir, abordaremos as questões éticas que devem ser respeitadas na coleta e processamento de dados usados em uma investigação.

### **3.3. Questões éticas da recolha de dados**

Ao conduzir um estudo científico, é crucial que o investigador reconheça a importância de seguir os princípios éticos de confidencialidade, esclarecendo aos entrevistados/inquiridos o que é e para que serve esta investigação, os objetivos e a relevância da sua participação. No que concerne ao inquérito por questionário, lavramos o consentimento livre e esclarecido, onde os/as inquiridos/as foram comunicados acerca da pertinência do estudo, assegurando o anonimato e a confidencialidade das respostas, conforme descrito no (anexo 1). Já em relação a entrevista, também foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2), em que os entrevistados foram igualmente informados sobre o propósito da entrevista, mencionados os objetivos a serem atingidos e solicitado consentimento para a sua execução, como também, a transcrição completa das respostas fornecidas, garantindo que as informações serão exclusivamente empregadas neste estudo académico.

Conforme ressaltado por Ferreira (2013), “temos hoje uma comunidade científica mais

consciente da necessidade de refletir sobre as suas práticas, e os princípios que devem pautar, sobre as tensões e dilemas que essas práticas conformam” (p. 175). Ademais, seguindo a mesma linha de raciocínio, atualmente há uma conduta ética que considera os demais, estabelecendo uma relação de colaboração durante toda a investigação.

Todos foram assegurados de que as informações seriam utilizadas exclusivamente para este estudo, deixando a cada um/a o direito de responder ou não às questões propostas.

O ponto seguinte ilustra como a informação obtida será tratada.

### **3.3 Tratamento da informação**

Os dados resultantes da aplicação dos inquéritos por questionário foram submetidos a um tratamento estatístico no Microsoft Excel, em que, os dados obtidos foram representados em forma de tabelas, para melhor podermos fazer a sua análise e interpretação.

Para o tratamento da informação acerca dos dados obtidos através das entrevistas efetuadas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo em que foram consideradas categorias e suas respectivas subcategorias, já apresentadas no ponto 3.2.3. deste capítulo.

Foi feita análise de conteúdo, que “(...) é proceder à descrição objetiva, sistemática (...)” e “(...) é uma técnica de pesquisa documental que procura “arrumar” num conjunto de categorias os mais diversos tipos de comunicação” (Amado, 2017, pp. 302 - 303).

A escolha das subcategorias foi estipulada na estrutura do guião de entrevista e as questões auxiliaram na organização das informações obtidas.

Estas subcategorias foram estabelecidas conforme o enquadramento teórico e os objetivos da investigação, sendo a elas atribuído um código. Foram formuladas e organizadas em sintonia com os objetivos, como também com as questões de investigação e o enquadramento teórico, para completar e concluir a informação requerida para a realidade em análise. Realizamos a categorização e a codificação, conforme mencionado anteriormente.

É de referir que “(...) o princípio da análise de conteúdo é definido na demonstração da estrutura e dos elementos desse conteúdo para esclarecer diferentes características e extrair a sua significação” (Silva, Gobbi & Simão, 2005, p. 75).

Elegeu-se a entrevista estruturada com guião, onde as categorias e subcategorias estão implícitas, para esclarecer o conteúdo analisado, em seguida a este procedimento, surgiram as questões.

Após apresentada a metodologia e os instrumentos de recolha de dados, passamos ao capítulo seguinte para apresentar, analisar e debater os resultados obtidos através do uso dos

instrumentos mencionados.

### **Capítulo III**

#### **Apresentação, análise e discussão dos resultados**

Neste capítulo, procedemos à apresentação, análise e discussão dos resultados referentes à coleta de dados obtida por meio do inquérito por questionário, especificamente, a caracterização sociodemográfica dos inquiridos, Representação e o género e Migração cabo-verdiana em Bragança. Será feita a análise de conteúdo da categoria A, a qual não possui subcategoria, da categoria B e suas subcategorias (B1 e B2), e da categoria C, juntamente com as suas subcategorias (C1 e C2) e finalmente procederemos à discussão dos resultados.

Assim, com base nas respostas ao inquérito por questionário, procedemos à caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as.

#### **1. Análise da caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as**

Conforme mencionado no ponto 3.2.1 do capítulo II, o inquérito por questionário é formado por 3 categorias e suas respetivas subcategorias. Na categoria A é indicada a caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as, na categoria B. Representação e o género, juntamente com as suas 2 subcategorias, B1. Integração profissional; e B2. Contexto familiar e género e na última, a categoria C. Migração cabo-verdiana em Bragança, também juntamente com as suas 2 subcategorias, C1. Migração em contexto regional; e C2. Migração e género.

As respostas serão apresentadas em 16 tabelas.

Na categoria A do questionário, a tabela 1 faculta a caracterização sociodemográfica da amostra, visando traçar o perfil do migrante cabo-verdiano em Bragança.

#### **Tabela 1**

Tabela 1 Caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as

Inquiridos	Sexo	Idade (anos)	Habilitações académicas	Situação profissional	Tempo que está em Bragança
I 1	F	27	Licenciatura	Desempregad	Menos de

				o	lano
I 2	M	25	Mestrado	Médico	Menos de 1ano
I 3	F	25	Licenciatura	Desempregada	Mais de 5 anos
I 4	M	29	Licenciatura	Auxiliar de saúde	2-3 anos
I 5	F	30	12º ano de escolaridade	Estudante	Mais de 5 anos
I 6	M	25	12º ano de escolaridade	Trabalhador	4-5 anos
I 7	F	25	12º ano de escolaridade	Estudante	3-4 anos
I 8	F	21	Licenciatura	Estudante	1-2 anos
I 9	M	24	Licenciatura	Estudante	4-5 anos
I 10	F	19	Licenciatura	Estudante	1-2 anos
I 11	M	23	Licenciatura	Músico	Mais de 5 anos
I 12	M	29	Licenciatura	Consultor de sistemas de informação	Mais de 5 anos
I 13	M	24	Licenciatura	Empregado de mesa	Mais de 5 anos
I 14	M	22	12º ano de escolaridade	Trabalhador	2-3 anos
I 15	F	22	12º ano de escolaridade	Assistente dentária	3-4 anos
I 16	M	25	Licenciatura	Distribuidor	Mais de 5 anos
I 17	F	33	Licenciatura	Auxiliar de Acção Direta	Menos de 1 ano
I 18	M	30	Curso técnico-profissional	Açougueiro	Mais de 5 anos
I 19	F	25	Licenciatura	Trabalhador	Mais de 5 anos
I 20	F	20	Licenciatura	Auxiliar de cozinha	1-2 anos
I 21	F	24	12º ano de escolaridade	Vendedora	Mais de 5 anos

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A caracterização sociodemográfica dos 21 inquiridos pode ser resumida da seguinte forma: Quanto à distribuição por sexo, 52,4% (11) são do sexo feminino, e 47,6% (10) são do sexo masculino. As idades variam entre 19 e 33 anos, com uma média de aproximadamente 25 anos. Em relação às habilitações académicas, 61,9% (13) possuem licenciatura, 28,6% (6) têm o 12.º ano de escolaridade, 4,8% (1) possui mestrado, e 4,8% (1) tem curso técnico-profissional. No que diz respeito à situação profissional, 66,7% (14) estão empregados, 23,8% (5) são estudantes, e 9,5% (2) estão desempregados. Quanto ao tempo de residência em Bragança, 42,9% (9) residem há mais de 5 anos, 14,3% (3) estão há menos de 1 ano, 14,3% (3) estão entre 1-2 anos, 9,5% (2) estão entre 2-3 anos, 9,5% (2) estão entre 3-4 anos, e 9,5% (2) estão entre 4-5 anos. A maioria dos inquiridos são jovens adultos com

formação superior. Há uma diversidade significativa de profissões representadas, incluindo médico, músico, consultor de sistemas de informação, entre outros. A maioria dos participantes reside em Bragança há mais de 5 anos, sugerindo uma amostra com bom conhecimento da região.

Seguidamente apresentamos e examinamos a categoria B do inquérito por questionário (anexo 1).

É possível aqui efetuar uma análise de conteúdo, em que permite observar as diferenças nos tipos de trabalhos desempenhados pelos homens e mulheres migrantes inquiridos, considerando as suas habilitações académicas, e a situação profissional. Entre os homens, há uma maior diversidade de ocupações que incluem tanto profissões qualificadas, como médico, músico, e consultor de sistemas de informação, quanto funções com menores exigências de qualificação formal, como empregado de mesa, distribuidor e açougueiro. Já entre as mulheres, as ocupações se concentram mais em áreas como a assistência (auxiliar de saúde, auxiliar de ação direta, auxiliar de cozinha e assistente dentária) e comércio (vendedora), além de haver um número expressivo de mulheres que ainda estão em fase de formação académica ou desempregadas.

Entre os homens, nota-se que a maioria possui licenciatura ou formações superiores, o que reflete uma tendência para inserção em funções especializadas ou mais técnicas. Para as mulheres, ainda que várias também tenham o ensino superior, elas frequentemente ocupam posições que demandam menores níveis de especialização, com exceção de algumas funções mais técnicas, como assistente dentária. Isso pode refletir barreiras de género no mercado de trabalho que limitam o acesso das mulheres a posições mais qualificadas, mesmo quando possuem formação compatível.

Além disso, observa-se que há mais mulheres desempregadas ou estudantes, o que sugere que elas podem estar em transição para o mercado de trabalho ou enfrentando dificuldades adicionais na obtenção de emprego em relação aos homens. A presença significativa de mulheres em trabalhos ligados ao cuidado e à assistência reforça padrões tradicionais de género, enquanto os homens aparecem em ocupações mais variadas, incluindo o setor tecnológico e de serviços gerais. Por fim, a análise reflete uma interação entre género e mercado de trabalho migrante, onde os homens parecem ter maior acesso a uma variedade de ocupações, enquanto as mulheres enfrentam concentração em áreas tradicionalmente associadas a seu género, além de uma maior incidência de desemprego. Essa dinâmica pode ser influenciada tanto por normas culturais quanto pelas condições de inserção profissional nos países de destino.

## 2. Representação e o género

### Categoria B. Representação e o género

#### Tabela 2

##### *Subcategoria B1. Integração profissional e género*

De acordo com Lopes (2011, p. 23): “As diferenças entre homens e mulheres são uma construção social, e as variáveis culturais que encontramos nos desempenhos quotidianos dos papéis masculinos e femininos não resultam de uma inevitabilidade biológica, mas de opções sociais, conjunturais e culturais. Estas criam e legitimam ideias de comportamento especificamente feminino e masculino que estão relacionadas com o estatuto social de cada um destes agentes, estando na base de relações estruturais de desigualdade entre homens e mulheres que se manifestam tanto no mercado de trabalho como nas estruturas políticas ou no interior da família”. Esta afirmação completa o sentido desta análise categorial “.

Tabela 2 Subcategoria B1. Integração profissional e género

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Concordo	16	76,2%
Não concordo nem discordo	5	23,8 %
Discordo	0	0 %

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Os resultados apresentados mostram uma forte concordância com a afirmação sobre as diferenças de género serem uma construção social. Especificamente:

76,2% dos inquiridos concordaram com a afirmação. 23,8% não concordaram nem discordaram. Nenhum inquirido discordou da afirmação.

Estes dados indicam que a maioria dos inquiridos aceita a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são moldadas por fatores sociais e culturais, e não determinadas apenas biologicamente.

Dois inquiridos forneceram comentários:

O I2 refere que: *As diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas, não biológicas e essas distinções são resultado de normas culturais que moldam comportamentos e papéis de género, perpetuando desigualdades em áreas como o trabalho,*

a política e a família. Na minha perspectiva, tais desigualdades podem ser modificadas através de mudanças sociais e culturais.

Já o I17: *Ainda existe muita desigualdade entre homens e mulheres por mais que as mulheres queiram igualdade ainda têm muita dificuldade em relação a isso.*

A alta taxa de concordância e a ausência de discordância sugerem um amplo reconhecimento de que as desigualdades de género têm raízes sociais e culturais.

### **Tabela 3**

Tabela 3 Subcategoria B1. Integração profissional e género

*Subcategoria B1. Integração profissional e género*

Alguma vez já se sentiu em desvantagem no seu local de trabalho, por causa do seu género?

Caso responda afirmativamente, descreva por favor a(s) situação(ões) ocorrida(s).

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	2	9,5
Não	19	90,5

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A grande maioria dos inquiridos (90,5%) afirma nunca ter se sentido em desvantagem no local de trabalho devido ao seu género. Uma pequena minoria (9,5%, correspondente a 2 pessoas) relatou já ter experimentado alguma forma de desvantagem relacionada ao género no ambiente de trabalho. Dos dois inquiridos que responderam afirmativamente, apenas um descreveu uma situação específica.

O único exemplo fornecido por um dos inquiridos (I4) descreve uma situação onde:

*"Houve casos em que alguns familiares pediram apenas cuidadores do sexo feminino para prestar serviços aos seus idosos."*

Este relato sugere uma preferência de género no contexto de cuidados a idosos, o que pode ser interpretado como uma forma de discriminação ou desvantagem para profissionais do sexo masculino neste campo específico.

### **Tabela 4**

Tabela 4 Subcategoria B1. Integração profissional e género

*Subcategoria B1. Integração profissional e género*

Fora do seu local de trabalho já sentiu dificuldades no seu dia a dia, por questões relacionadas com o seu género? (Acesso à habitação, a bens materiais, serviços, etc.).

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	4	19
Não	17	81

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A grande maioria dos inquiridos (81%) afirma não ter sentido dificuldades no seu dia a dia fora do local de trabalho por questões relacionadas com o seu género. Uma minoria significativa (19%) relatou ter experimentado tais dificuldades.

Embora a maioria não tenha enfrentado problemas, o fato de quase um quinto dos inquiridos ter experimentado dificuldades sugere que ainda existem desafios relacionados ao género em áreas como acesso à habitação, bens materiais e serviços.

**Tabela 5**

Tabela 5 Subcategoria B2. Contexto familiar e género

*Subcategoria B2. Contexto familiar e género*

Considera que a gestão da sua vida familiar estaria mais facilitada se pertencesse a outro sexo/género?

De que forma?

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	1	4,8
Não	20	95,2

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A grande maioria dos inquiridos (95,2%) não acredita que a gestão da sua vida familiar estaria mais facilitada se pertencesse a outro sexo/género. Apenas uma pequena minoria (4,8%, representando 1 pessoa) considera que pertencer a outro sexo/género facilitaria a gestão da vida familiar.

O único inquirido que respondeu "Sim" forneceu uma explicação (I7), indicando que: *Sendo*

*menina tenho hora de voltar para casa, tenho de informar com quem saio e se é de confiança. Diferente do rapaz que pode hora que quiser e o responsável não pergunta onde vai.*

Os resultados sugerem que, para a grande maioria dos inquiridos, o sexo/género não é percebido como um fator significativo na facilitação da gestão da vida familiar. A resposta qualitativa fornecida pelo único respondente que disse "Sim," aponta para questões de desigualdade de género nas expectativas e liberdades sociais, especialmente para jovens.

### **Tabela 6**

Tabela 6 Subcategoria B2. Contexto familiar e género

*Subcategoria B2. Contexto familiar e género*

Considera que a sua experiência migratória foi/está a ir ao encontro das suas expectativas, nomeadamente no que diz respeito à igualdade de género?

Caso responda negativamente, descreva por favor de que forma a realidade não correspondeu ao que esperava.

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	19	90,5
Não	2	9,5

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A grande maioria dos inquiridos (90,5%) indicou que a sua experiência migratória está a corresponder às suas expectativas em termos de igualdade de género. Uma pequena minoria (9,5%) respondeu negativamente, indicando que a sua experiência não está a corresponder às expectativas neste aspeto.

Um inquirido descreveu negativamente que a realidade não correspondeu ao que esperava:

*A minha experiência migratória não tem correspondido plenamente às minhas expectativas quanto à igualdade de género. No meu país de origem (Cabo Verde), as desigualdades de género são mais acentuadas, o que me fez esperar que aqui encontraria um cenário diferente. No entanto, embora haja melhorias, muitas oportunidades de emprego ainda são dominadas por homens ou estão culturalmente associadas a eles, limitando o acesso as mulheres (I2).*

Embora a vasta maioria dos inquiridos esteja satisfeita com a igualdade de género experimentada na sua jornada migratória, é importante notar que existem casos onde as expectativas não foram totalmente atendidas.

## Tabela 7

Tabela 7 Subcategoria B2. Contexto familiar e género

*Subcategoria B2. Contexto familiar e género*

“Devido à segregação de género, as mulheres migrantes geralmente enfrentam menos oportunidades de emprego ou escolha limitada de profissões em comparação com os homens, especialmente aquelas com pouca qualificação, que acabam muitas vezes desempenhando trabalhos semiprofissionais”.

Caso queira, pode comentar a afirmação.

Opções de resposta	Nº total de resposta	Percentagem (%)
Concordo	10	47,6
Não concordo nem discordo	9	42,9
Discordo	2	9,5

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A maioria dos inquiridos (47,6%) concorda com a afirmação de que as mulheres migrantes enfrentam menos oportunidades de emprego ou escolhas limitadas de profissões devido à segregação de género. Uma percentagem significativa (42,9%) manteve uma posição neutra, não concordando nem discordando da afirmação. Uma minoria (9,5%) discordou da afirmação. A soma das respostas "Concordo" e "Não concordo nem discordo" representa 90,5% dos inquiridos, indicando que a grande maioria ou concorda com a afirmação, ou não tem uma opinião definida sobre o assunto. O número total de inquiridos para esta questão foi de 21 pessoas.

Esta distribuição sugere que há uma tendência de reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres migrantes no mercado de trabalho, embora exista também um número considerável de pessoas que não têm uma opinião formada sobre o assunto.

Somente um inquirido comentou a afirmação.

*- É uma triste realidade infelizmente, principalmente se for uma mulher negra. Quando se é negra, dificilmente se consegue cargos maiores e isso já está no subconsciente das pessoas. Se é negra ou negro só serve para trabalhos na restauração, na limpeza, nas obras... (I21)*

## Tabela 8

Tabela 8 Subcategoria B2. Contexto familiar e género

*Subcategoria B2. Contexto familiar e género*

Já viveu alguma experiência em que se tenha sentido discriminado(a) e/ou desvalorizado(a) pelo aquilo que representa sendo migrante (raça, classe social, religião, orientação sexual, etc.)?

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	12	57,1
Não	9	42,9

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A maioria dos inquiridos (57,1%) afirma ter vivido alguma experiência de discriminação ou desvalorização relacionada à sua condição de migrante. Pouco menos da metade dos inquiridos (42,9%) não relatou ter vivido tais experiências. A diferença entre os que responderam "Sim" e "Não" é relativamente pequena (14,2 pontos percentuais), indicando que as experiências dos inquiridos são diversas. O número total de respostas para esta pergunta foi de 21 (12 + 9). Estes resultados sugerem que a discriminação ou desvalorização de migrantes é uma questão significativa, afetando mais da metade dos participantes deste estudo. No entanto, também mostra que uma parcela considerável não relatou tais experiências, o que pode indicar variações nas experiências individuais ou nos contextos em que estes migrantes estão inseridos.

## **1. Migração cabo-verdiana em Bragança**

### **Categoria C. Migração cabo-verdiana em Bragança**

Esta categoria informa como que a migração afeta os migrantes cabo-verdianos, bem como a sua permanência em Bragança, como também, o acolhimento recebido e a ajuda de instituições.

## **Tabela 9**

Tabela 9 Subcategoria C1. Migração em contexto regional

*Subcategoria C1. Migração em contexto regional*

Qual foi principal razão que a/o levou a sair de Cabo Verde?

<b>Respostas dos inquiridos</b>	<b>Nº de respostas</b>
Estudos	9
<i>A busca por uma formação superior mais qualificada e a oportunidade de poder ter uma melhor qualidade de vida</i>	1
<i>Aumentar o meu conhecimento na minha área de atuação e falta de oportunidades de emprego</i>	1
<i>Estudos e procura de melhores condições de vida</i>	1
<i>A procura de uma vida mais favorável</i>	1
<i>Melhores condições de vida</i>	1
<i>Estudar e melhorar de vida</i>	1

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Dos (n= 21) inquiridos, somente (n= 15) responderam a esta questão.

Algumas respostas combinaram múltiplas razões, como "Estudos e procura de melhores condições de vida"

Esses resultados refletem a realidade socioeconómica de Cabo Verde, onde a busca por educação superior e melhores oportunidades económicas são fatores significativos para a emigração. Isso está alinhado com o contexto histórico e económico do país, que enfrenta desafios como altas taxas de emigração.

## **Tabela 10**

Tabela 10 Subcategoria C1. Migração em contexto regional

### *Subcategoria C1. Migração em contexto regional*

“Há uma tendência de ver os migrantes como uma ameaça, muitas vezes fundamentada em crenças e preconceitos que geram pensamentos negativos. Esse cenário frequentemente resulta na criação de mitos que distorcem a realidade e impedem o reconhecimento dos benefícios que os migrantes podem trazer para o país e a sua

população em geral. Os mitos e preconceitos associados aos migrantes podem dificultar significativamente a sua inclusão e, conseqüentemente, afetar o seu bem-estar e qualidade de vida cotidiana “.

Caso queira, pode comentar a afirmação.

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Concordo	18	85,7
Não concordo nem discordo	1	9,5
Discordo	2	4,8

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionar

O resultado sobre essa afirmação nos mostra que 85,7% (n= 18) dos inquiridos concordam com a afirmação; 9,5% (n= 1) não concordam nem discordam; e 4,8% (n= 2) discordam.

Esses números indicam que a grande maioria (85,7%) dos inquiridos reconhece a existência de preconceitos e mitos negativos sobre os migrantes, bem como os obstáculos que isso cria para a sua inclusão e bem-estar.

O único comentário fornecido por um dos inquiridos reforça essa percepção.

*- Os migrantes são vistos como ameaças porque supostamente chegam aqui com o objetivo de tomar para si as oportunidades de emprego, as casas, desrespeitar os nativos, mas na verdade os migrantes contribuem com a economia do país a fazer trabalhos que a grande maioria dos nativos não querem fazer. Quem acaba por desrespeitar são os nativos que fazem comentários xenofóbicos e racistas sendo que a maioria dos migrantes saem do país de origem em busca de uma vida melhor. Logicamente tem casos em que realmente os migrantes acabam por passar dos limites, mas para pessoas racistas e xenófobos, todos os migrantes são iguais e sem boas intenções quando entram nos seus países. (I 21).*

Esses resultados e o comentário fornecido confirmam a afirmação inicial, demonstrando uma consciência generalizada sobre os desafios enfrentados pelos migrantes devido a preconceitos e mitos infundados. Isso sugere a necessidade de ações para combater essas percepções negativas e promover uma compreensão mais precisa e positiva da migração e os seus impactos na sociedade.

### **Tabela 11**

Tabela 11 Subcategoria C1. Migração em contexto regional

*Subcategoria C1. Migração em contexto regional*

Por que motivos decidiu permanecer na cidade de Bragança?

<b>Respostas dos inquiridos</b>	<b>Nº de respostas</b>
<i>Custo de vida mais barato</i>	8
<i>Estar perto da escola</i>	1
<i>Porque é uma cidade acolhedora, onde me sinto bem recebido e livre de discriminação racial. Além disso, a cidade tem uma comunidade migrante bem integrada, o que facilita a minha adaptação e o sentimento de pertença</i>	1
<i>Por ser uma cidade pacífica, pequena e de fácil locomoção e custos de vida mais barato em comparação a outras cidades</i>	1
<i>Por ser uma cidade mais pequena, onde tenho mais facilidade em deslocar à escola, tenho acesso a lugares de primeiras necessidades com facilidade, por causa da deslocação, o custo de vida</i>	1
<i>Terminar a minha licenciatura</i>	1
<i>Porque era um lugar que já sentia mais que a minha comunidade estava inserida e pela qualidade de vida, porem hoje está a mudar pelo negativo</i>	1
<i>dinheiro</i>	1
<i>Motivos profissionais</i>	1
<i>Por causa dos estudos</i>	3
<i>Cidade calma</i>	1
<i>Porque o preço dos arrendamentos ainda é mais barato em relação a outras cidades e isso ajuda quando queremos juntar dinheiro para projetos futuros</i>	1

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Com base nos resultados apresentados, podemos observar os seguintes motivos principais pelos quais os inquiridos decidiram permanecer na cidade de Bragança:

- O Custo de vida mais barato. Este foi o motivo mais citado, com 8 respostas diretas;
- 5 respostas estão relacionadas a motivos educacionais, incluindo "Estar perto da escola",

"Terminar a minha licenciatura" e "Por causa dos estudos”;

- Vários inquiridos mencionaram aspetos relacionados à qualidade de vida, como: Cidade pacífica e calma, fácil locomoção, acesso facilitado a serviços essenciais;
- Um inquirido mencionou sentir-se bem recebido e livre de discriminação racial, além de destacar a boa integração da comunidade migrante;
- Um inquirido mencionou que, apesar da qualidade de vida inicial, a situação está mudando negativamente;
- Motivos profissionais também foram citados por um inquirido;

Em resumo, o custo de vida mais acessível, as oportunidades educacionais e a qualidade de vida numa cidade pequena e acolhedora são os principais fatores que levaram os inquiridos a permanecer em Bragança.

## **Tabela 12**

Tabela 12 Subcategoria C1. Migração em contexto regional

### *Subcategoria C1. Migração em contexto regional*

Já recebeu ajuda por parte de alguma instituição que lide com migrantes em Bragança?  
Caso responda afirmativamente, descreva por favor, quais ajudas recebeu?

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	0	0
Não	21	100

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Todos os 21 inquiridos (100% da amostra) responderam que nunca receberam ajuda de instituições em Bragança que lidam com migrantes. Este resultado é bastante significativo e pode indicar várias possibilidades:

- Os migrantes cabo-verdianos que participaram nesta investigação podem não estar cientes dos serviços disponíveis em Bragança;
- É possível que os inquiridos não tenham precisado de assistência até o momento;
- Pode haver obstáculos que impedem os migrantes de acederem os serviços existentes;
- As instituições locais podem não estar alcançando efetivamente a população migrante.

## **Tabela 13**

Tabela 13 Subcategoria C1. Migração em contexto regional

*Subcategoria C1. Migração em contexto regional*

Logo a sua chegada à Bragança, sentiu-se bem acolhido pela população local?

Porquê?

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	20	95,2
Não	1	4,8

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A análise dos resultados da questão sobre o acolhimento em Bragança revela uma experiência predominantemente positiva para os inquiridos, a qual, 95,2% dos inquiridos (n= 20) responderam positivamente, enquanto, 4,8 % dos inquiridos (n= 1) respondeu negativamente.

Os inquiridos que responderam positivamente mencionaram várias razões para se sentirem bem acolhidos, como:

- *Sim, a cidade é conhecida por ser hospitaleira e inclusiva;* (I2)
- O Respeito Presente; (I6)
- Porque aqui tem muitos cabo-verdianos; (I8)
- Porque sempre respeitei e queria ser respeitado, e se houvesse alguma situação eu ia intervir; (I9)
- Não senti discriminado, fui bem acolhido e sempre tive boas relações com os locais; (I12)
- A comunidade me acolheu da melhor forma; (I16)
- Nunca fui desrespeitada por ninguém por ser migrante e isso me basta, porque o importante é manter o respeito porque acima de tudo sou uma pessoa e todas as pessoas merecem respeito independente de onde vieram, da cor, etnia ou religião; (I21)

Apesar da maioria positiva, houve uma resposta negativa:

- Não tive nenhuma ajuda por parte dos portugueses sem saber o que fazer para onde tomar informações (I17)

Esta análise sugere que Bragança tem sido, em geral, um ambiente acolhedor para os recém-chegados, com uma cultura de respeito e inclusão.

**Tabela 14**

Tabela 14 Subcategoria C2. Migração e género

*Subcategoria C2. Migração e género*

Considera que a representação de ser migrante e também o seu género, influenciam as suas perceções?

<b>Opções de resposta</b>	<b>Nº total de resposta</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Sim	14	66,7
Não	7	33,3

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A maioria dos inquiridos (66,7%) respondeu afirmativamente à questão, indicando que acreditam que tanto a sua condição de migrante quanto o seu género têm influência sobre as suas perceções.

Um terço dos inquiridos (33,3%) respondeu negativamente, sugerindo que não consideram que a sua condição de migrante e o seu género influenciem as suas perceções.

A proporção de respostas positivas para negativas é de aproximadamente 2:1, o que demonstra uma tendência clara para a opinião de que ser migrante e o género são fatores influentes nas perceções dos indivíduos.

**Tabela 15**

Tabela 15 Subcategoria C2. Migração e género

*Subcategoria C2. Migração e género*

Indique 2 ou 3 aspetos que considera como fatores discriminatórios

<b>Respostas dos inquiridos</b>	<b>Nº de respostas</b>
<i>Acesso Desigual ao Mercado de Trabalho: As oportunidades de emprego são frequentemente limitadas para certos grupos devido a preconceitos ou estereótipos</i>	1
<i>Tratamento Diferenciado pela Cor da Pele ou Nacionalidade</i>	1
<i>Discriminação á cor da pele Discriminação de género</i>	1
<i>Criticar o cabelo crespo, a cor da pele e ouvir ofensas por ser emigrante</i>	1
<i>Aqui em Bragança existe o preconceito e o racismo sim, já presenciei com outras pessoas e sempre intervim. Não alugar quarto a pretos. Quando trabalhas com atendimento ao cliente houve vários comentários. E muitas vezes falam de nos e do nosso país sem conhecer.</i>	1
<i>Maneira de vestir e de falar</i>	1
<i>Raça, Religião, Orientação sexual</i>	1
<i>Género sexual Deficiência Aparência física</i>	1
<i>A cor da pele e pelo simples facto de ser emigrante o olhares de eles para nós</i>	1
<i>Orientação sexual, raça, cor</i>	1

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Dos 21 inquiridos, apenas 9 responderam.

Com base nos resultados apresentados, os principais aspetos mencionados como fatores discriminatórios pelos inquiridos:

- Discriminação racial e xenofobia:

A cor da pele foi mencionada por vários inquiridos como um fator de discriminação. Alguns inquiridos relataram discriminação por serem migrantes ou estrangeiros. Um inquirido mencionou especificamente o racismo em Bragança, incluindo a recusa em alugar quartos a pessoas negras.

- Discriminação baseada em características físicas:

Além da cor da pele, foram mencionados o tipo de cabelo (especificamente cabelo crespo) e a aparência física, em geral. A maneira de vestir também foi citada como um fator de discriminação.

- Discriminação de género e orientação sexual:

Vários inquiridos mencionaram o género e a orientação sexual como fatores de discriminação.

- Discriminação no mercado de trabalho:

Foi mencionado o acesso desigual ao mercado de trabalho, com oportunidades limitadas para certos grupos devido a preconceitos ou estereótipos.

- Outras formas de discriminação:

Religião e deficiência também foram citadas como fatores de discriminação. A forma de falar foi mencionada por um inquirido como um possível fator discriminatório.

As respostas indicam uma variedade de experiências e perceções de discriminação, abrangendo aspetos físicos, culturais, sociais e económicos.

Esta análise oferece uma visão geral dos fatores discriminatórios percebidos pelos inquiridos, destacando áreas de preocupação em termos de igualdade e inclusão na sociedade.

## **Tabela 16**

Tabela 16 Subcategoria C2. Migração e género

*Subcategoria C2. Migração e género*

Como que o ser migrante/ mulher migrante afeta a sua vida?

<b>Respostas dos inquiridos</b>	<b>Nº de respostas</b>
---------------------------------	------------------------

<i>Embora eu nunca tenha sofrido preconceito diretamente, vivo com o receio de que isso possa ocorrer no futuro, o que pode gerar ansiedade e limitar minha performance no trabalho e a minha integração plena na sociedade</i>	1
<i>Eu sinto que por ser uma mulher migrante e negra, as oportunidades de emprego em locais como por exemplo lojas de roupas ou maquiagem sejam mais difíceis visto que claramente existe um padrão na escolha de pessoas para desempenhar esse tipo de trabalho. Não que seja completamente impossível, mas infelizmente existe um padrão nesse tipo de seleção e pessoas negras poucas vezes se encaixam</i>	1
<i>Em alguns aspetos de trabalho, na maioria dos casos não consigo ter um trabalho numa empresa estrangeira já que não possuo documento europeu</i>	1
<i>Afeta psicologicamente</i>	1
<i>Por ser emigrantes muitas pessoas pensam que passamos dificuldades, mas precisamos de trabalho para satisfazer as nossas necessidades básicas como qual pessoa seja emigrante ou não e também de forma de ficar legalizado no país e aproveite dessas dificuldades para explorar os emigrantes de uma forma desumano.</i>	1
<i>Não</i>	1
<i>Não afeta de todo, adapto bem a qualquer ambiente</i>	1

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Houve apenas 7 respostas para esta questão, dos 21 inquiridos.

Com base nas respostas fornecidas, podemos observar alguns padrões sobre como ser migrante/mulher, migrante afeta a vida dos inquiridos:

Ansiedade e receio: Mesmo sem ter sofrido preconceito diretamente, há um temor constante de que isso possa ocorrer no futuro, gerando ansiedade e potencialmente limitando o desempenho profissional e a integração social.

Efeitos psicológicos: Um inquirido mencionou explicitamente que ser migrante afeta psicologicamente.

Discriminação no mercado de trabalho: Uma mulher migrante e negra relatou perceber um padrão de seleção que dificulta o acesso a certos tipos de emprego, como em lojas de roupas ou maquilhagem.

Limitações legais: A falta de documentação europeia foi citada como um obstáculo para conseguir trabalho em empresas estrangeiras.

Exploração laboral: Há relatos de que alguns empregadores se aproveitam da situação vulnerável dos migrantes para explorá-los de forma desumana.

Estereótipos: Existe uma percepção de que os migrantes passam por dificuldades, o que nem sempre corresponde à realidade individual.

Adaptabilidade: Um inquirido relatou não ser afetado negativamente, demonstrando boa capacidade de adaptação a diferentes ambientes.

Ausência de impacto: Um inquirido simplesmente respondeu "Não", sugerindo que ser migrante não afeta a sua vida de maneira significativa.

Procederemos agora à análise de conteúdo das entrevistas semi-estruturada, efetuadas na Cáritas Diocesana de Bragança-Miranda, e a Cruz vermelha – Delegação Bragança, que teve como objetivo obter mais informações sobre o trabalho que realizam com a população migrante.

#### **4. Análise de conteúdo da entrevista semi-estruturada**

Neste ponto, apresenta-se a análise de conteúdo das entrevistas (anexo 4).

As duas entrevistas foram efetuadas nas instalações da Cáritas Diocesana de Bragança-Miranda, e da Cruz vermelha – Delegação Bragança, com os seus respetivos técnicos.

Conforme mencionado no ponto 3.2.3, no capítulo II, as entrevistas são divididas em cinco categorias (A, B, C, D e E), sendo que cada categoria é composta por subcategorias.

Após formular as questões que enquadram as entrevistas com guião, com um conhecimento prévio adquirido através do enquadramento teórico, realizamos uma interpretação das respostas dos entrevistados, com o objetivo de descobrir e adicionar mais informações a respeito da temática da investigação.

##### **4.1. Análise da categoria A. Igualdade de género**

###### **4.1.1. Análise da subcategoria A1. Existência da igualdade de género na instituição**

Nesta subcategoria estão incluídas 3 questões que, indicam a presença da igualdade de género nas duas instituições entrevistadas.

Em relação a questão “Considera que, na vossa instituição, a igualdade perante mulheres e homens migrantes é uma prioridade? “, o técnico da cruz vermelha T. cv refere “... *Claro que fazemos de tudo para que isso aconteça. De qualquer forma a instituição tem isso sempre em consideração, quer seja nos nossos projetos ou fora deles, tentamos sempre inculcar esses valores, para não haver diferenças de género. Tanto tratamos homens, como mulheres e também tentamos sensibilizar a população nesse sentido e mesmo eles próprios...*”

O técnico da Caritas T. ct respondeu a mesma pergunta, referindo que “... *sim, na nossa instituição é uma prioridade...*”

Ambas as instituições demonstram comprometimento com a igualdade de género, mas a Cruz Vermelha parece ter uma abordagem mais proativa e abrangente, baseando-se na resposta fornecida.

Quanto à segunda questão “A vossa instituição considera que têm feito esforços, para que se verifique a igualdade entre mulheres e homens migrantes? “, o T. cv refere que “... *o pessoal muçulmano que vem para cá, nós sabemos perfeitamente que o valor das mulheres não é tão valorizado, então nós aqui tentamos inculcar esse valor, no sentido de valorizar também o setor feminino, pois temos a perceção de que a religião muçulmana desvaloriza o setor feminino, então sim ...*” e o T. ct “... *sim...*”.

O T. cv demonstra uma visão particular sobre a cultura muçulmana, sugerindo uma abordagem de intervenção cultural, e indica um maior engajamento com a questão, refletindo sobre práticas e perceções culturais, enquanto o T. ct não revela nenhuma perspetiva cultural específica nem o mesmo nível de reflexão ou engajamento.

Face a última pergunta desta subcategoria, nomeadamente, “Na vossa instituição, oferece/ofereceu meios que promovam a igualdade de género entre os migrantes, como, por exemplo, ações de formação? “o T. cv afirma que “... *De momento ainda não fizemos, mas acaba por ser uma ótima ideia e um princípio a seguir ...*” e o T. ct, “... *nunca oferecemos até o momento ...*”.

Ambas as respostas indicam que, até o momento, nenhuma ação específica foi realizada para promover a igualdade de género entre os migrantes, contudo, o T. cv demonstra uma atitude mais positiva e recetiva, considerando a sugestão como "uma ótima ideia", e o T. ct apresenta uma resposta mais neutra, sem avaliar a ideia ou mostrar interesse futuro.

#### **4.1.2. Análise da subcategoria A2. Género e Igualdade no exercício da profissão**

Esta subcategoria está relacionada como os técnicos entrevistados, no exercício da sua profissão enxergam a forma como o gênero afeta os migrantes e o que se pode fazer para melhorar isso, a qual são inclusas 2 questões.

Relativamente a questão “O que pensa que ainda se pode melhorar e mudar em termos de gênero entre populações migrantes? “, o T. cv menciona que “... *Haver uma melhor sensibilização, principalmente com os migrantes que vem dos países muçulmanos, porque, o tratamento das mulheres em primeira instância é sempre igual, mas, quando vem de uma situação de stresse, consegue-se notar uma diferença de eles falarem para ti, ou eles falarem para nós, nada de mau, mas consegues sentir essa diferença...* “.

O T. ct não respondeu a esta questão.

Havendo somente a resposta do técnico da cruz vermelha no que toca a esta questão, o técnico enfatiza a importância de uma melhor sensibilização, especialmente direcionada aos migrantes provenientes de países muçulmanos. Isso sugere que há uma percepção de diferenças culturais significativas no que diz respeito às questões de gênero entre essas populações.

Em relação a última questão desta subcategoria, “Enquanto técnico, como descreve o modo como a representação e o gênero afetam os migrantes? “, o T. cv refere que “... *O que noto, é que os migrantes aqui agrupam-se, fazem as suas próprias festas e não socializam com outros grupos, claro que tentamos sempre incutir a integração na sociedade, mas é notável que eles ainda se agrupam muito...* “, e o T. ct referiu que “... *Na minha experiência a questão do gênero não é assim tão notório, porque nós aqui fazemos um atendimento geral, independentemente de serem homens ou mulheres eles são atendidos...* “.

As respostas dos dois técnicos revelam diferentes perspetivas e focos de atenção em relação aos migrantes. Enquanto o T. cv destaca desafios de integração social e cultural, o T. ct enfatiza a igualdade no atendimento em relação ao gênero. Essas diferenças podem refletir variações nas experiências profissionais, nos contextos de trabalho ou nas prioridades institucionais de cada técnico.

## **5. Análise da categoria B. Dificuldades e hábitos**

### **5.1 Análise da subcategoria B1. Desafios da integração nos migrantes**

Esta subcategoria é formada por apenas uma questão, com a finalidade de compreender quais são as dificuldades e hábitos dos migrantes no seu processo de integração, pelos olhos dos técnicos entrevistados nas duas instituições.

Em relação a questão, “Tendo em conta a sua experiência profissional, com que tipo de dificuldades as pessoas migrantes deparam-se no processo de integração aqui em Bragança?”, o T. cv menciona que “... *A língua, que é logo a primeira, porque eles não percebem nada do que nós dizemos e as vezes nem nós do que eles dizem, acabando por ser um entrave inicial, isso, relativamente aos muçulmanos, porque com os africanos e brasileiros, acaba por não ser, o que facilita a sua integração.*

*Também a alimentação, que é totalmente diferente da deles, a escolaridade, tendo em vista que muitos até podem ter formações no país deles, mas para nós conseguirmos trazer esses diplomas para aqui e fazer a tradução, então se eles quiserem continuar aqui, eles não conseguem.*

*O arrendamento acaba também por ser difícil, fazendo com que procurem cada vez mais instituições sociais porque não conseguem arranjar um quarto para dormir, no sentido em que se nota um estereótipo por parte dos senhorios, em maior parte com os muçulmanos...*”, e o T. ct menciona que “... *De acordo com a minha experiência, o que tenho visto, talvez o não conhecimento de possibilidades que permitam conhecer a comunidade de acolhimento. As vezes a pessoa não sabe que existem iniciativas, ações que lhes permitem ter um contacto direto com a comunidade de acolhimento. A língua também é uma dificuldade extrema, porque se a pessoa não percebe o que se pretende, acaba por complicar as coisas...*”.

Ambas as respostas concordam que a língua é uma barreira significativa para os migrantes em Bragança. No entanto, T. cv destaca mais aspetos práticos e culturais como alimentação e habitação, enquanto T.ct foca na falta de conhecimento sobre oportunidades de integração comunitária.

### **5.1.1 Análise da subcategoria B2. Tradição e Inovação**

Esta subcategoria também possui apenas uma questão, nomeadamente “De que forma a intervenção preserva os hábitos culturais como religião, tradições e costumes da pessoa migrante no seu processo de integração?”, a qual, o T. cv refere que “... *Nós tentamos sempre conhecer um bocadinho deles e da sua a cultura, e também nunca vamos contra, apesar, de as vezes acharmos que a forma como eles estão a agir, ou como fazem as coisas não é a mais correta, não podemos contrariar porque é a cultura deles, ou seja, tentamos sempre respeitar isso...*”, e o T. ct, por sua vez menciona que “... *Nós preservamos no*

*sentido em que temos atenção com todas as pessoas, como por exemplo, se alguém é muçulmano, é claro que não impomos coisas como carne de porco, por isso tentamos perceber a cultura, vamos também sempre aprendendo, para que as pessoas se sintam acolhidas... “*

Ambas as respostas refletem uma abordagem culturalmente sensível à integração de migrantes, com ênfase no respeito, aprendizagem e adaptação. No entanto, T. ct parece adotar uma postura ligeiramente mais proativa em termos de acolhimento e adaptação específica, enquanto T. cv enfatiza mais o aspeto de não interferência e respeito, mesmo quando há discordância pessoal.

## **6. Análise da categoria C. Representações sociais**

### **6.1 Análise da subcategoria C1. Representações da pessoa migrante**

Nesta subcategoria estão inseridas 4 questões, com o intuito de entender o modo como as representações da sociedade são percebidas pelos migrantes, como também pela própria sociedade.

A respeito da primeira questão desta subcategoria, concretamente, “Na sua opinião, como a intervenção pode gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante? “, o T. cv faz referência que “... *Acaba por fazer sentido pela sensibilização que seja feita, para também preparar a sociedade com as próximas vindas de migrantes, não os verem com outros olhos, pois há sempre aquele estigma de que vem roubar os empregos, ...então com a intervenção tentamos modificar a sociedade para os integrar melhor... “já o T. ct, faz referência que “... *Quando proporcionamos as pessoas a possibilidade de mostrar aquilo que têm para oferecer para a comunidade de acolhimento, já se está a gerar, porque quando nós não estamos em contacto, não conhecemos o outro, fazendo com que surjam preconceitos.**

*Nós enquanto instituições, temos de criar formas das pessoas se darem a conhecer, porque muitas vezes nós também não permitimos, pois, por vezes é difícil sair daquele ambiente da zona de conforto, como estar apenas com pessoas do nosso país de origem... “*

Enquanto T. cv adota uma abordagem mais focada na educação e sensibilização da sociedade de acolhimento, T. ct enfatiza a importância da interação e do conhecimento mútuo como forma de superar preconceitos. Ambas as perspetivas oferecem ideias valiosas sobre como a intervenção pode influenciar positivamente a perceção social dos migrantes, destacando a importância de estratégias multifacetadas para promover uma integração bem-

sucedida.

Em relação a segunda questão desta subcategoria, “Na intervenção, que relatos das pessoas migrantes ouve que estejam relacionados com a representação ou o género? “, o T. cv assinala que “... *Não é um tema muito abordado aqui, pois não sentimos essa necessidade porque só já tivemos 2 utentes do sexo feminino, mas claro que há chamadas de atenção de algumas atitudes...* “e o T. ct assinala que “... *Nunca houve relatos...* “.

Embora ambas as respostas indiquem uma baixa incidência de relatos relacionados com género, a resposta do T. cv demonstra uma maior sensibilidade e atenção a possíveis questões de género, mesmo que não sejam frequentemente discutidas, enquanto a resposta do T. ct parece mais limitada na sua perspetiva.

Na questão “Há alguma atividade socioeducativa na intervenção que esteja relacionada com as representações da sociedade perante as pessoas migrantes? “, o T. cv destaca que, “... *Diretamente nestes programas de imigração não...* “, já o T. ct menciona que “... *Realizamos atividades multiculturais...* “.

A resposta do T. cv indica uma ausência de atividades específicas, em que afirma que não há atividades diretamente relacionadas nos programas de imigração, sugere uma lacuna na abordagem socioeducativa voltada para as representações sociais dos migrantes, em contraste, a resposta do T. ct demonstra uma postura mais proativa, menciona a realização de atividades multiculturais e indica um engajamento direto com questões de diversidade cultural.

Em relação a questão “Que representações da sociedade considera que podem afetar o processo de integração da população migrante? “o T. cv destaca que “... *Através das barreiras. Como nós estamos no interior, ainda a mentalidade tende a ser muito conservadora pois são pessoas que quase nunca saíram daqui, temos a problemática do arrendamento, o racismo, a intolerância religiosa, xenofobia...* “, e o T. ct assinala que “... *O fator da língua, a questão de não haver possibilidades de se dar a conhecer na sociedade que nos acolhe e nem de conhecer essa mesma sociedade...* “.

O T. cv parece atribuir mais responsabilidade à sociedade de acolhimento, enquanto o T. ct sugere uma abordagem mais bilateral, onde tanto os migrantes quanto a sociedade local têm papéis ativos; também o T. cv menciona especificamente o contexto do interior, sugerindo que a localização geográfica influencia as representações sociais, algo não abordado pelo T. ct.

### **6.1.1. Análise da subcategoria C2. Discriminação**

Esta subcategoria é composta por duas questões, para saber se nas instituições entrevistadas se já houve algum caso de discriminação.

A questão “Já presenciou ou soube de algum caso em que algum migrante ou grupo migrante tenha sofrido de preconceito ou atos discriminatórios?“, o T. cv salienta que “... Assim concretamente não...“, e o T. ct respondeu que “... *Que sejam aqui relatados não...*“.

Ambas as respostas indicam uma ausência de conhecimento direto sobre casos concretos de preconceito ou discriminação contra migrantes nas respectivas instituições.

Não houve a necessidade de fazer a segunda pergunta porque as respostas foram de negação.

## **7. Análise da categoria D. Intervenção Socioeducativa**

### **7.1 Análise da subcategoria D1. Configurações da intervenção com a população migrante**

Nesta subcategoria estão inseridas 4 questões, as quais, têm a finalidade de compreender a intervenção das instituições realizadas com os migrantes.

Relativamente a questão “Como descreve a intervenção feita com a população migrante?“, o T. cv menciona que “... *Somos a delegação a nível nacional com mais casos de sucesso com a integração da população migrante, em termos sociais, de emprego, de habitação. Temos ex beneficiários que já possuem empresa própria...*“, já o T. ct não respondeu a esta pergunta.

Enquanto o T. cv apresentou uma perspectiva detalhada e positiva sobre as intervenções realizadas, destacando sucessos concretos, o T. ct optou por não comentar sobre o assunto, seja por falta de informação, experiência ou por outros motivos não especificados.

Em relação a questão “Que efeitos considera que a intervenção tem na integração das pessoas migrantes?“, o T. cv assinala que “... *A diminuição do risco de insucesso...*“, e o T. ct assinala que “... *Ao oferecermos diversas ações de formação, integração em atividades, etc., faz com que surjam mais oportunidades para os migrantes e a intervenção traz sempre algo positivo ...*“.

O T. cv concentra-se em um efeito específico: a diminuição do risco de insucesso e o T. ct aborda uma perspectiva mais ampla, mencionando várias ações e seus resultados gerais, também, o T. cv não menciona exemplos específicos de intervenção, enquanto o T. ct cita exemplos como “ações de formação” e “integração em atividades”.

Na questão “O que considera que mudou nas pessoas migrantes com a intervenção“, o T. cv não respondeu a esta questão, já o T. ct refere que “... *Vamos falar no caso do grupo de*

*jovens, porque acho que é um caso bastante interessante. Passou de que pessoas que estavam em diversas comunidades, passaram a integrar uma só comunidade, e aí noto que a questão das nacionalidades se esbateu. Então, nesta experiência concreta do grupo de jovens, as pessoas tiveram a possibilidade de conhecerem outras pessoas, que de outra forma não iriam conhecer. Muito deles mudou-lhe o trajeto de vida, porque é nesta interação que vão surgindo oportunidades, sobretudo quando são estudantes ... “.*

Enquanto o T. cv não forneceu informações sobre o impacto da intervenção, o T. ct apresentou um relato detalhado sobre como a intervenção influenciou positivamente a integração social e as oportunidades para os jovens migrantes. A resposta do T. ct sugere um impacto claro e positivo da intervenção, destacando mudanças significativas nas vidas dos participantes, enquanto a ausência de resposta do T. cv não permite uma avaliação semelhante.

Relativamente a última questão desta subcategoria, “Já realizaram alguma intervenção com migrantes cabo-verdianos? se sim, quais e como foi? “, o T. cv menciona que “... *Nunca realizamos...* “, e o T. ct menciona que “... *Sim, embora não seja a comunidade mais expressiva, ao longo dos anos temos feitos alguma intervenção com migrantes cabo-verdianos...* “.

O T. cv afirma nunca ter realizado intervenções com migrantes cabo-verdianos; não há menção de frequência, pois não realizaram intervenções, e o T. ct confirma ter realizado intervenções com migrantes cabo-verdianos ao longo dos anos; indica que, embora não seja a comunidade mais expressiva, têm feito "alguma intervenção" ao longo dos anos, sugerindo uma frequência ocasional.

### **7.1.1. Análise da subcategoria D2. Apoios/ajudas**

Nesta subcategoria está incluído uma questão, que tem o objetivo de compreender quais são as ajudas disponibilizadas pelas instituições entrevistadas. A questão desta categoria, “Que tipo de apoios e ajudas existem para a população migrante quando chega a Bragança, tendo em conta o seu processo de integração? “, o T. cv salienta que “... *Nós temos um programa de acolhimento, em que eles nos são encaminhados e nós durante 18 meses temos de lhes dar apoio a nível financeiro, alimentação, casa, roupas, e quando não conseguimos dar resposta com esses apoios, reencaminhamos para outras instituições sociais...* “já o T. ct salienta que “... *Existem diversos serviços. Prestamos apoio social, sobretudo numa fase inicial, depois temos a questão da CLAIM, que fornece uma serie de apoios no processo de*

*legalização, na questão escolar, questão da saúde, como acompanhamento aos centros de saúde, quando as pessoas não têm conhecimento ou não falam o português, o protocolo com a escola Emidio Garcia para aulas de português, o grupo de jovens na paróquia, o próprio voluntariado da Cáritas... “.*

O T. cv, foca-se num programa de acolhimento estruturado com duração definida de 18 meses. Este programa oferece apoio abrangente, incluindo assistência financeira, alimentação, habitação e vestuário. Quando os recursos internos são insuficientes, a instituição encaminha os migrantes para outras organizações sociais, demonstrando uma abordagem colaborativa. Por outro lado, a resposta do T. ct apresenta uma gama mais diversificada de serviços. Além do apoio social inicial, similar ao mencionado na primeira resposta, esta instituição oferece assistência especializada através do CLAIM (Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes), que proporciona suporte em áreas cruciais como legalização, educação e saúde, incluindo acompanhamento a centros de saúde para migrantes com dificuldades linguísticas.

A segunda resposta também destaca iniciativas de integração cultural e linguística, como aulas de português em parceria com uma escola local, e oportunidades de socialização através de grupos de jovens paroquiais e programas de voluntariado. Esta abordagem sugere um foco mais amplo na integração social e cultural dos migrantes, além das necessidades básicas imediatas.

## **8. Análise da categoria E. Iniciativas e parcerias**

### **8.1. Análise da subcategoria E1. Protocolos da instituição com outras entidades**

Esta subcategoria, é composta por duas questões, com o intuito de perceber as iniciativas e protocolos realizados pelas instituições com outras entidades.

No que concerne a primeira questão, “Já colaborou em iniciativas propostas por outras entidades que não sejam a sua instituição, relacionadas com apoio a populações migrantes?”, o T. cv assinala que “.... Neste momento podemos considerar a AIMA, e a segurança social... “, já o T. ct salienta que “.... Sempre. Estamos sempre abertos para isso ... “.

Ambas as respostas indicam uma disposição positiva para colaborar com outras entidades. O T. cv menciona especificamente a AIMA e a segurança social como exemplos de colaborações atuais. Isso sugere que a instituição tem parcerias concretas e bem definidas em andamento. Por outro lado, o T. ct expressa uma abertura mais ampla e generalizada para colaborações, afirmando que estão "sempre abertos para isso". Esta resposta indica

uma postura mais proativa e abrangente em relação a potenciais parcerias, sem mencionar exemplos específicos.

Em relação a outra questão “Quais as parcerias e protocolos que a vossa instituição tem realizado e qual a importância que têm para a integração e ajuda aos migrantes? “, o T. cv frisa que “... *Temos protocolos com quase todas as instituições de bragança, como o IEFP, segurança social, IPB, OLS, e com algumas juntas de freguesia, ou seja, com aquelas instituições que acreditamos serem pertinentes para os migrantes...* “e o T. ct frisa que “... *Alguns são protocolos oficializados, outros não, mas por exemplo com os hospitais, centros de saúde, com a escola Emidio Garcia, procuramos sempre ter voluntários em todos os serviços para que possamos contactar diretamente. Claro que nós também oferecemos a possibilidade de a pessoa esclarecer alguma dúvida que venha a ter, onde já estamos a abrir caminho.*

*Temos pessoas concretas que são voluntários no CLAIM, ou na própria caritas, que muitas até trabalham em alguns serviços que nos permitem as vezes facilitar e agilizar processos que de outra forma seriam mais difíceis...* “

A primeira resposta enfatiza a existência de protocolos formais com diversas instituições em Bragança, incluindo o IEFP, Segurança Social, IPB, OLS e algumas juntas de freguesia. O foco está em parcerias oficiais com entidades consideradas relevantes para os migrantes. A segunda resposta, por sua vez, menciona uma combinação de protocolos oficiais e parcerias informais. Destaca-se a colaboração com hospitais, centros de saúde e a escola Emídio Garcia. Esta abordagem inclui o uso de voluntários em vários serviços, facilitando o contacto direto e o esclarecimento de dúvidas.

Um aspeto único da segunda resposta é a menção a voluntários que trabalham em serviços específicos, o que permite agilizar processos que de outra forma seriam mais complexos. Isso sugere uma rede de apoio mais ampla e flexível.

Ambas as abordagens visam criar uma rede de suporte abrangente para os migrantes, mas a segunda parece adotar uma estratégia mais diversificada, combinando protocolos formais com relações informais e voluntariado ativo.

### **8.1.1. Análise da subcategoria E2. Formas de mediação**

Esta subcategoria é composta por 3 questões relacionadas com formas de mediação das instituições.

No que toca a primeira questão, nomeadamente “Quais as estratégias e as formas de atuação no terreno realizado pela vossa instituição com os migrantes? “, o T. cv frisa que “... *Aulas*

*formais e não formais de português, todos os trabalhos que realizamos aqui tentamos sempre que eles venham estar connosco para conhecer um bocadinho, atividades nas aldeias para que se integrem com a população mais idosa, que acaba por ser uma mais-valia, porque sempre os recebem de braços abertos...* “, já o T. ct não respondeu esta questão durante a entrevista.

O entrevistado identificado como T. cv ofereceu uma resposta detalhada e abrangente à questão sobre as estratégias e formas de atuação no terreno com os migrantes. A sua resposta destaca uma abordagem multifacetada para a integração dos migrantes, que inclui tanto métodos formais quanto informais de ensino da língua portuguesa. Além disso, o T. cv enfatiza a importância de envolver os migrantes em atividades comunitárias, especialmente nas aldeias, onde há uma interação positiva com a população idosa local. Esta estratégia não apenas facilita a integração linguística, mas também promove a inclusão social e cultural dos migrantes na comunidade anfitriã.

Por outro lado, o entrevistado identificado como T. ct não forneceu uma resposta a esta questão.

No que concerne a questão “Quais aos serviços e valências, que os migrantes podem encontrar na vossa instituição? “, o T. cv ressalta que “... *Apoio jurídico, alimentação, apoio psicológico, vestuário, cuidados de saúde, acompanhamento a serviços. Somos uma instituição que tenta dar apoio em todas as vertentes...* “, e o T. ct ressalta que “... *Além do que já foi mencionado, também os migrantes podem encontrar na nossa instituição, valências como vestuário, alimentação, ...* “.

Ambas as instituições demonstram um compromisso abrangente com o bem-estar dos migrantes, oferecendo uma gama diversificada de serviços que atendem às necessidades básicas e além. Os dois técnicos mencionam especificamente o fornecimento de vestuário e alimentação, indicando que as suas organizações se preocupam com as necessidades materiais imediatas dos migrantes.

A respeito da última pergunta destas duas entrevistas, o propósito era deixar que os entrevistados dessem a sua opinião pessoal sobre a população migrante em Bragança, a qual a questão era “Tem alguma mensagem que gostaria de deixar sobre a população migrante? “, em que o T. cv menciona que “... *Temos de os ver como pessoas como nós, sejam eles de que religião for, raça ou nacionalidade. Eu os vejo como seres humanos que procuram por melhores condições de vida...* “ e o T. ct refere que “... *Deem-se a conhecer. Deem a conhecer o que trazem de bom do vosso país. Mostrem as vossas valias.....* “.

## **9. Discussão dos resultados**

Realizado a apresentação e análise dos dados extraídos dos inquéritos por questionário e das entrevistas com guião, procedemos à sua respetiva discussão, fazendo uma comparação com as questões de investigação e os objetivos delimitados no ponto 1 do capítulo II.

Partindo da questão - *Qual o impacto que a representação e as questões de género têm na vida dos migrantes cabo-verdianos?* verificamos pela análise dos resultados gerais obtidos que, a maioria das respostas foi positiva em relação a representação e género, então, faz com que o impacto seja reconhecido, e nesse sentido, relativizado na vida dos migrantes cabo-verdianos do universo estudado.

Foi possível conhecer e identificar o perfil de uma parte dos migrantes cabo-verdianos residentes em Bragança, identificar qual a opinião dos migrantes acerca da representação, género e migração, e também perceber qual o trabalho realizado por duas instituições em Bragança com migrantes.

Partindo da outra questão - *Como que a representação e o género podem influenciar nas perceções dos migrantes cabo-verdianos?* verificamos pela análise dos resultados, a qual a maior parte das respostas foi que de facto a representação e o género influenciam sim as perceções dos inquiridos participantes nesta investigação.

Esta análise permitiu dar resposta ao objetivo *conhecer a realidade de vida dos migrantes cabo-verdianos em Bragança*. São migrantes em idade ativa, a maioria significativa, representando quase metade da população estudada, está estabelecida na cidade há mais de cinco anos, 95,2 % da amostra estudada sentiu-se bem acolhido aquando da sua chegada em Bragança e também a maior parte está empregada nesta cidade.

Para dar resposta ao objetivo *Analisar a forma como a representação e o género afetam os migrantes cabo-verdianos em Bragança*, apurou-se que de facto afeta a amostra estudada, em termos psicológicos, o receio de sofrer algum tipo de discriminação, o fato de ser mulher e negra dificulta o acesso a certos empregos, também o facto de não obter documentação europeia afeta o facto de não se conseguir um emprego numa empresa estrangeira, o que coloca em causa o bem estar dos migrantes, pois, pelas palavras de Jodelet (1989, citado por Vala, 1993, p.354) sobre representação social, esta é definida como “uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”.

O custo de vida mais barato é um dos principais motivos de permanência em Bragança, o que nos permitiu *Perceber as razões pelos quais os migrantes cabo-verdianos vivem em Bragança*.

No sentido de dar resposta ao objetivo *Perceber se existe alguma instituição em Bragança*

*que ajude os migrantes e qual o trabalho que realizam com eles*, verificamos que efetivamente existe, como é o caso da Cruz Vermelha de Bragança e da Cáritas de Bragança. Quanto ao trabalho realizado por estas instituições, averiguamos o fornecimento de vestuário, alimentação, legalização, aulas de português com parcerias com escolas, ajuda jurídica e psicológica, como também protocolos com outras instituições, em prol dos migrantes.

Para responder ao último objetivo desta investigação, nomeadamente, *compreender as questões de género a luz das migrações*, percebemos que, a experiência migratória foi/está a ir de encontro com as expectativas em relação a igualdade de género pela maioria dos inquiridos, a igualdade entre homens e mulheres migrantes é tido como prioridade nas instituições entrevistadas, alguns migrantes têm a tendência em apenas conviver com pessoas do mesmo país, percebemos também que a abordagem de género evidencia como as experiências migratórias são moldadas pela intersecção entre género, raça, classe, etnia e outras representações sociais, as mulheres migrantes enfrentam frequentemente múltiplas formas de discriminação.

Mahalingam & Leu (2005), defendem que a intersecção entre género e imigração é algo importante que precisa acontecer, principalmente por dois motivos: primeiro, porque a perspectiva de relação entre estas duas dimensões possibilita compreender a singularidade e a riqueza das identidades migrantes formadas pela etnicidade, classe social e género, em situações específicas de migração. Em segundo lugar, porque as identidades dos migrantes são frequentemente construídas por meio de um conjunto complexo de processos históricos que realçam as discrepâncias entre os migrantes e a cultura que os acolhe.

Através dos resultados obtidos por meio dos dois instrumentos de recolha de dados, inquérito por questionário e entrevista, a respeito de intervenção, podemos verificar que nenhum dos inquiridos nunca recebeu ajuda de nenhuma instituição em Bragança, e somente a Cáritas de Bragança já realizou alguma intervenção com migrantes cabo-verdianos, apesar de não ser uma comunidade muito expressiva naquela instituição.

## **Considerações finais**

Este estudo sobre a *Representação e gênero na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o Discurso*, permitiu analisar dados relativos à migração de cabo-verdianos em Bragança, bem como, do gênero e representação.

Com a análise dos resultados, conseguiu-se clarificar as questões de investigação e responder aos objetivos previamente formulados.

Com a recolha de informação permitiu conhecer o perfil de uma parte dos migrantes cabo-verdianos, residentes em Bragança. Assim, podemos considerar que no nosso estudo, embora não houve a possibilidade de fazer generalizações, devido aos poucos participantes envolvidos, permitiu, chegar a algumas conclusões interessantes sobre esta amostra.

O/as inquirido/as destacam que no que concerne ao local de trabalho, a maioria nunca chegou a sentir-se em desvantagem e nem dificuldades tendo em conta o seu gênero. A gestão da vida familiar no que diz respeito ao gênero, não influenciou de todo a vida desses inquiridos, e as expectativas em relação a experiência migratória relativamente a igualdade de gênero, para a maioria está ou foi de encontro com as suas expectativas.

No que toca às respostas comentadas dos inquéritos aplicados, podemos observar que, houve uma forte concordância na afirmação sobre as diferenças de gênero serem uma construção social. Também na afirmação que falava acerca de que as mulheres migrantes enfrentarem menos oportunidades de emprego ou escolhas limitadas de profissões devido à segregação de gênero, uma percentagem significativa manteve uma posição neutra, não concordando nem discordando da afirmação e uma minoria discordou da afirmação. Também, na afirmação que faz referência ao enxergar os migrantes como sendo uma ameaça, muitas vezes fundamentada em crenças e preconceitos que geram pensamentos negativos, a qual frequentemente resulta na criação de mitos que distorcem a realidade e impedem o reconhecimento dos benefícios que os migrantes podem trazer para o país e a sua população em geral, podemos verificar que a maior parte dos inquiridos reconhece a existência de preconceitos e mitos negativos sobre os migrantes, bem como os obstáculos que isso cria para a sua inclusão e bem-estar.

Constatou-se que a experiência de se ter sentido discriminado ou desvalorizado pela representação de ser migrante, está presente na vida da maioria dos migrantes inquiridos.

Os estudos foram considerados o principal fator que fez com que os inquiridos deixassem Cabo Verde, assim como, o custo de vida mais barato foi o principal motivo de permanecer em Bragança. Nunca receberam qualquer ajuda de instituições em Bragança ligadas aos migrantes, também, apurou-se que houve um bom acolhimento da cidade para com a maioria dos inquiridos.

As representações sociais de ser migrante e o gênero, influenciam em grande parte as percepções dos

inquiridos, levando a crer que, há uma tendência clara para a opinião de que ser migrante e o género são fatores influentes nas perceções dos indivíduos.

Foram mencionados vários fatores considerados pelos migrantes como sendo discriminatórios, como por exemplo, o desigual acesso ao mercado de trabalho, tratamento diferenciado por causa da cor da pele, orientação sexual, o que faz com que se verifique uma variedade de experiências e perceções de discriminação.

No que tange a forma que o ser migrante/ mulher migrante afeta a vida dos inquiridos, houve a possibilidade de perceber que, enquanto alguns relatam não serem afetados significativamente pela sua condição de migrante, outros enfrentam desafios consideráveis. A ansiedade e o receio de potencial discriminação são comuns, mesmo entre aqueles que não sofreram preconceito direto. Isso pode afetar o desempenho profissional e a integração social. Alguns migrantes enfrentam discriminação no mercado de trabalho, que percebem padrões de seleção desfavoráveis em certos setores. Limitações legais, como a falta de documentação europeia, também representam obstáculos para oportunidades de emprego. Há relatos preocupantes de exploração laboral, com empregadores aproveitando-se da vulnerabilidade dos migrantes. Estereótipos sobre as dificuldades enfrentadas pelos migrantes nem sempre correspondem às realidades individuais. Por outro lado, alguns migrantes demonstram notável adaptabilidade, conseguindo navegar com sucesso em diferentes ambientes sem impactos negativos significativos.

Em relação as duas entrevistas realizadas, concluiu-se que, as duas instituições evidenciam um forte empenho na promoção da equidade entre homens e mulheres, ambas também tem feito esforços para uma igualdade entre homens e mulheres migrantes, contudo, não oferecem concretamente meios que promovam essa igualdade.

Um dos técnicos mencionou que a necessidade de aumentar a consciencialização, com foco particular nos migrantes oriundos de nações islâmicas. Essa abordagem indica que existe uma compreensão de que há disparidades culturais relevantes relacionados a questões de género entre esses grupos populacionais. A forma como a representação e o género afetam os migrantes, faz-se sentir por meio de obstáculos em relação a integração social e cultural.

Por meio das entrevistas, foi possível apurar que as maiores dificuldades enfrentadas pelos migrantes em Bragança, são a língua, particularmente com a população muçulmana, mas também a questão do arrendamento, e o desconhecimento das possibilidades de participação e envolvimento na comunidade local. Com a finalidade de preservação de hábitos culturais, constatou-se que as instituições tentam sempre conhecer a cultura do migrante e de dar atenção a aspetos como é o caso da cultura muçulmana. A sensibilização é uma forma de gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante no que toca a intervenção, como também a interação e do conhecimento mútuo como forma de superar preconceitos. Não existe nenhuma atividade socioeducativa na

intervenção relacionada com as representações da sociedade perante as pessoas migrantes nas instituições entrevistadas.

Averiguou-se que a mentalidade ainda conservadora de pessoas do interior faz com que haja algumas barreiras, a qual afetam de forma negativa o processo de integração de migrantes, assim como o fator da língua e a não possibilidade de se dar a conhecer a população acolhedora. Averiguou-se também que a diminuição do risco de insucesso, bem como, ações de formação, integração em atividades, pontuam-se como efeitos positivos na intervenção com migrantes.

Apenas uma das instituições já realizou intervenções com migrantes cabo-verdianos, embora, esta população não seja a mais expressiva para intervenção.

Percebeu-se que as ajudas/ apoios disponibilizados pelas instituições, são essencialmente, vestuário, alimentação, apoio social, de legalização, aulas de português, entre outros.

As instituições possuem protocolos e parcerias com outras entidades, a fim de dar resposta as necessidades dos migrantes.

Houve algumas limitações, no sentido em que consegui obter apenas 21 respostas no inquérito por questionário, a qual tenho consciência que apesar de tudo, estas 21 respostas podem não ser totalmente representativas da escala de todos os migrantes cabo-verdianos que se encontrem no mesmo contexto, mas é apenas uma amostra que vale o que vale. Gostaria de ter obtido mais respostas no que tange as afirmações para comentar para poder perceber melhor as perspetivas dos inquiridos e também como apenas uma das instituições já realizou intervenções com migrantes cabo-verdianos ao longo dos anos, e por não ser uma intervenção muito expressiva, portanto, não consegui saber ao certo como seria feita uma intervenção com este público-alvo.

Estamos cientes de que “o educador social deve adquirir competências (...) numa perspetiva inclusiva e promover o desenvolvimento (...), usando estratégias mobilizadoras do quadro sociocultural da comunidade e do indivíduo” (Mateus, 2012, p. 64). É crucial adotar métodos que abracem a diversidade cultural, trabalhando em conjunto para prevenir e enfrentar problemas sociais como a xenofobia, ideias preconcebidas, tratamento injusto e isolamento social. Ao lidar com pessoas que vêm de outros países, o profissional de educação social deve concentrar-se principalmente em aspetos educativos e sociais, respeitando tanto a cultura do migrante quanto a do país que o recebe. É fulcral oferecer apoio nos momentos difíceis, encorajando o migrante a tomar as suas próprias decisões para se sentir parte da nova comunidade. O educador social age como um intermediário, promovendo o diálogo e fortalecendo os laços sociais. Ao entender e valorizar a cultura e a identidade do migrante, cria-se um ambiente de compreensão mútua que beneficia o desenvolvimento da sociedade que o acolhe.

A migração tem potencial para ampliar a liberdade, as chances de decisão e a capacidade de escolha, aprimorar as condições de vida, expandir o acesso a serviços essenciais e à educação, a saúde e a

participação pode ser um elemento crucial para o desenvolvimento, se lhe forem oferecidos acolhimento e contextos sociais, educacionais e políticos apropriados (Ramos, 2011, p.191).

Com os resultados do nosso estudo, de uma forma geral, concluiu-se que a experiência migratória dos migrantes cabo-verdianos em Bragança é positiva, salvo algumas situações anteriormente pontuadas.

É necessário trabalhar no sentido de eliminar diferenças, para deixar os homens e as mulheres num patamar de verdadeira igualdade de direitos e oportunidades, principalmente quando estes são migrantes, levando em consideração que, o processo de migração resulta em diversas alterações para o migrante, o que pode gerar angústia, que pode ser intensificada por circunstâncias de discriminação. Mesmo que não haja situações que impulsionem a desigualdade de género nas instituições, devem mesmo assim existir meios que promovam a igualdade de género entre os migrantes. Assim, na intervenção o educador social pode assumir o papel de mediador no contacto mais direto no terreno com o migrante, quer seja num apoio presente na emergência imediata, quer seja no acesso a bens, serviços e apoio em burocracias, como ainda na promoção do bem-estar da pessoa migrante, o que acarreta que seja fundamental a presença de educadores sociais em instituições que lidem com populações migrantes.

## **Referências bibliográficas**

Almeida, A., & Silva, P. (2007). *Impacto da Imigração em Portugal nas contas do Estado*. Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

- Alto Comissariado para as Migrações. (2022). *Guia de acolhimento para migrantes*.
- Amado, J., & Crusoé, N. M. C. (2017). *Referências teóricas e metodológicas de investigação em educação e ciências sociais*. Edições UESBD. <http://www2.uesb.br/editora>
- Amaro, A., Póvoa, A., & Macedo, L. (2005). *A arte de fazer questionários*. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Agostinho, M. L. D. P. Â. C., & Monteiro, R. (2013). *(Des)igualdades de Género nas Organizações de Trabalho: O caso de uma autarquia local*. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/322>
- Amussen, S. D. (2018). The Contradictions of Patriarchy in Early Modern England. *Gender & History*, 30(2), 343–353. <https://doi.org/10.1111/1468-0424.12379>
- Archer, J., & Lloyd, B. (2002). *Sex and Gender*. (2ª ed). Cambridge: Cambridge: *University Press*.
- Alvarenga, E. D. (2012). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos*. Assunção, Paraguai: Gráfica Saf.
- Beck, T., Claessens, S., & Schmukler, S.L. (2013). *Financial globalization and crises: overview*. In T. Beck, G. Caprio, S. Claessens, & S.L. Schmukler (Eds.), *The evidence and impact of financial globalization*. Elsevier. Inc.
- Birou, A. (1977). *Dicionário das ciências sociais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bosak, J., & Sczesny, S. (2011). *Gender Bias in Leader Selection? Evidence from a hiring simulation study*. *Sex Roles*, 65(3), 234–242. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0012-7>
- Boyd, M., & Grieco, E. (2003). *Women and Migration: Incorporating Gender into International Migration Theory*. Migration Policy Institute. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/women-and-migration-incorporating-gender-international-migration-theory>
- Boilard, A., & Leanza, Y. (2011). Pour une approche interculturelle en travail social: Théories et pratiques. *Revue Internationale de la Recherche Interculturelle*, 1 (1), 101-106. [http://www.cohenemerique.fr/medias/files/altersticerevue.internationale.de.la.recherch\\_e\\_interculturelle-vol1..n-1.pdf](http://www.cohenemerique.fr/medias/files/altersticerevue.internationale.de.la.recherch_e_interculturelle-vol1..n-1.pdf)
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para Autoaprendizagem*. Lisboa: s/e.

Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação—Guia para Autoaprendizagem* (2ª edição). Universidade Aberta.

Castro, P. (2002). *Natureza, ciência e retórica na construção social da ideia de ambiente*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia

Casimiro, E. (2008). *Percursos escolares de descendentes de imigrantes de origem caboverdiana em Lisboa e Roterdão*. Lisboa: ACIDI. ISBN 978-989-8000-54-5

Carneiro, R. (Coord.) (2005). A mediação sociocultural: um puzzle em construção. *In-Mind Português*, 1(2-3), pp. 1-13.

Castles, Stephen. 2002. “Migration and community formation under conditions of globalization”. *International Migration Review*, 36(4): 1143-1168. DOI 10.1111/j.1747- 7379. 2002.tb00121. x.

Chaplin, T. M., & Aldao, A. (2012). *Gender Differences in Emotion Expression in Children: A Meta-Analytic Review*. *Psychological Bulletin*, 139(4), 735–765. <https://doi.org/10.1037/a0030737>

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139–167.

Costa, C., & Lucena, T. (2013). Lendas e histórias do castelo de Bragança. *A Senhora do monte*.

Coutinho, C. M. P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Almedina. <https://asenhoradomonte.com/2013/07/08/lendas-historias-castelo-braganca/>

Coquery Vidrovitch, C. (1997), *African Women, a Modern History*, Londres, Westview Press

Cruz Vermelha Portuguesa. (s.d.). Portal da Defesa na Internet. <https://www.defesa.gov.pt/pt/defesa/organizacao/ot/cvp>

Cruz Vermelha Portuguesa. Donativos em geral. <https://www.cruzvermelha.pt/p%C3%A1gina-da-transpar%C3%A2ncia/donativos.html>

Da Silva Coelho, I. A. (2020). *A Influência dos Estereótipos de Género na Carreira das Mulheres em Posições de Poder e Autoridade nas Organizações: Uma Revisão Sistemática de Literatura*. [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/33957>

Beauvoir, S. de. (2008). *O Segundo Sexo* [Volume 1]. Lisboa: Bertrand Editora.

Dias, S. F., Rocha, C. F., & Horta, R (2009), “Saúde sexual e reprodutiva de mulheres imigrantes africanas e brasileiras: Um estudo qualitativo”, Estudos OI, nº 32, Lisboa: ACIDI, I.P.

Évora, I. (2011). Sobre a metodologia qualitativa: Experiências em psicologia social. *Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento*.

Ferreira, F. (2012). Projeto Educativo—Resposta aos desafios da multiculturalidade. [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garrett]

Filho J. Lopes. (1981). Cabo Verde: Subsídios para um levantamento cultural. Lisboa: Plátano editora.

GRASSI, Marzia (2003), Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

GRASSI, Marzia e ÉVORA, Iolanda (orgs.) (2007), Género e Migrações Cabo-Verdianas, Estudos e Investigações, 43, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Gonçalves, Marisa e Figueiredo, Alexandra, “*Mulheres Imigrantes em Portugal e o Mercado de Trabalho: Diferentes percursos, Inserções Laborais Semelhantes*”, Almeida, Adriano et al (2005), Imigrantes e etnicidade: Vivências e Trajetórias de Mulheres em Portugal, Lisboa: SOS Racismo

Góis, P. (2015). *Cabo Verde: Uma nação à descoberta de um transnacionalismo identitário*. Lisboa: Instituto Camões.

Habermas, J. (1991). *The Structural Transformation of the Public Sphere. An Inquiry into a Category of Bourgeois Society*. First MIT Pres.

Kawar, Mary. 2004. “*Gender and migration: Why are women more vulnerable?* “. Femmes en Mouvement: Genre, Migrations et Nouvelle Division Internationale du Travail. Genève: Graduate Institute Publications. DOI 10.4000/books.iheid.6256.

Kotz, David M. 2002. “Globalization and Neoliberalism”. *Rethinking Marxism – A Journal of Economics, Culture & Society* 14(2): 64-79. DOI 10.1080/089356902101242189.

Kofman, Eleonore. 2013. "Towards a Gendered Evaluation of (Highly) Skilled Immigration Policies in Europe." *International Migration* 52(3): 116-28. DOI 10.1111/imig.12121.

Lauretis, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lopes, S. A. C. (2011). *Mulheres Imigrantes Em Portugal: Vivências e Percursos Migratórios das Mães Solteiras Cabo-verdianas*. [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/10400.6/2803>

Lusa. (2022, dezembro 6). Portugal foi destino de 60% dos cabo-verdianos que emigraram em cinco anos. Agência Lusa. <https://www.lusa.pt/lusofonia/cabo-verde/article/2022-12-06/39956884/portugal-foi-destino-de-60-dos-cabo-verdianos-que-emigraram-em-cinco-anos>

Macedo, J.E. (2021). *Gestão de recursos humanos e gestão financeira na cruz vermelha portuguesa – Delegação de Santarém / Cartaxo*. [Relatório de estágio, Escola Superior de gestão e tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório científico do Instituto Politécnico de Santarém. <http://hdl.handle.net/10400.15/3499>

Mateus, M. do N. E. (2012). *O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas*. Eduser – Revista de Educação, 4 (1), 4(38). <http://hdl.handle.net/10198/7726>

Malheiros, J. M. (2011). *Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade: Manual para técnicas/os*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Massapina, J. A. N. (2019). *Género e Migração: Expectativas, Representações e Experiências*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de ciências sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/70204>

Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. (5ª. ed). São Paulo: Atlas.

Mahalingam, R., & Leu, J. (2005). Culture, essentialism, immigration and representations of gender. *Theory Psychology*, 15(6), 839-860

Miranda, Joana (2009), *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*, Lisboa: ACIDI I.P.

Miranda, S. C. A (2021). *Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança]. <http://hdl.handle.net/10198/24548>

Minayo, M. C. d. S. (2002). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade* (21 Edição). Editora Vozes: Petrópolis.

Monteiro, A. (2008) Migração e Saúde Mental: vulnerabilidade ao stress, apoio social e saúde mental em imigrantes da Europa de Leste a residir em Portugal. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Coimbra

Moller, M. A. B., & Gomes, J. F. da S. (2010). Quid Vincit: O impacto da liderança feminina na implicação organizacional. *Análise Psicológica*, 28(4), 683–697.

Morais, C. (2005). Escalas de medida, Estatística Descritiva e Inferência Estatística. Bragança: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. <http://www.ipb.pt/~cmmm/conteudos/estdescr.pdf>.

Morais, A., & Neves, I. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, 20 (2), 75-104. [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087191872007000200004](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087191872007000200004).

Morais, C. (2013). Investigação: *Do problema aos resultados*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.2846.9927>

Moscovici, S. (2009). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Vozes.

Moscovici, S. (1988). *Notes towards a description of social representations*. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.

Negreiros, M. A. G. (1995). As Representações Sociais da Profissão de Serviço Social. *Revista Intervenção Social*. Acedido a 26 de janeiro através de [http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/is/article/view/1267/pdf\\_3](http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/is/article/view/1267/pdf_3)

Novo, A., Prada, A., & Florêncio, I. (2023). Estudo exploratório sobre as perceções da população imigrante residente no norte e interior de Portugal. In M. Peralbo, A. Riso, A. Barca, J.C. Brenlla, B. Duarte, L. Almeida & A. Cruz-Santos. (Eds), *Actas del XVII Congreso Internacional Gallego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 1161-1174). Universidade de A Coruña: Servicio de Publicaciones. <https://doi.org/10.17979/spudc.000026>

Oliveira, C., & Gomes, N. (2019). *Indicadores de Integração de Imigrantes: relatório estatístico anual 2019*. Alto Comissariado para as Migrações.

Oliveira, A., & Galego, C. (2005). *A Mediação Sócio-cultural: Um Puzzle em Construção*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Pereira, J. M. (2020). *Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo-verdianos na cidade de Bragança*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança]. Biblioteca Digital do IPB. <http://hdl.handle.net/10198/23150>

Peixeira, L. M. S. (2003). *Da mestiçagem à Caboverdianidade*. Lisboa: Edições Colibri. ISBN 972-772-392-6

Perrot, Michelle. 2009. *Mi Historia de las Mujeres*. Buenos Aires: Fondo Cultura Económica.

Pires, C. (2016). A integração faz-se a nível local. O processo de conceção de Planos Municipais para a Integração de Imigrantes. *Revista Migrações*, 45-65

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramos, J. A. O. (2016). *Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental: Importância do papel desempenhado pelo Tradutor e Intérprete na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural*. [Dissertação de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, Instituto Politécnico do Porto].

Ramos, A., Louceiro, A. & Graça, J. (2016). Migrações e Refugiados: Atitudes e percepções dos europeus. *Boletim Atitudes Sociais dos Portugueses*, 4. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/26525>

Ramos, N. (2011). Educar para a interculturalidade e cidadania: Princípios e desafios. Em L. Alcoforado, J. A. G. Ferreira, A. G. Ferreira, M. P. de Lima, C. Vieira, A. L. Oliveira, & S. M. Ferreira, *Educação e formação de adultos: Políticas, práticas e investigação* (pp. 189–200). Imprensa da Universidade de Coimbra. [https://doi.org/10.14195/978-989-26-0228-8\\_16](https://doi.org/10.14195/978-989-26-0228-8_16)

Rádio brigantia. (2019). *Bragança é a “casa” de quase três mil migrantes oriundos de 30 nacionalidades*. <https://www.brigantia.pt/noticia/braganca-e-casa-de-quase-tres-mil-migrantes-oriundos-de-30-nacionalidades>

Raijman, Rebeca and Moshe Semyonov. 1997. “Gender, Ethnicity, and Immigration: Double Disadvantage and Triple Disadvantage among Recent Immigrant Women in the Israeli Labor Market”. *Gender & Society* 11: 108-125. DOI: 10.1177/089124397011001007.

Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. <http://hdl.handle.net/10400.22/10307>

Ribeiro, Silvana Mota (2005), *Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais no feminino*, Coleção Comunidade e Sociedade 2, Porto: Campo das Letras Editores.

Rodrigues, C. M. F. (2018). *Cáritas de Setúbal: Contributos para a cidadania*. [Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/18400>

SAINT-MAURICE, Ana de (1997), *Identidades reconstruídas: cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras: Celta.

Santana, H.M. (2008). *Migrantes Hindus em Portugal: Trajectos, Margens e Poderes*. [Tese de doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/1443>

Shahar, Shulamith. 2003. *The Fourth Estate. A history of women in the Middle Ages*. New York: Routledge.

Semedo, J.M. e Turano M.R (1997). *Cabo Verde- o ciclo ritual das festividades da tabanca*. Praia, Cabo Verde: Ed. Spleen.

Semedo, J. M.; & Turano, M. R. (2007). *O Ritual das Festas das Bandeiras da Ilha do Fogo*. Praia: IIPC, s/ed

Silva, Manuel Carlos. 2008. “Desigualdades de género”. *Configurações*, 4: 65-89. DOI: 10.4000/configuracoes.370.

Silva, C., Gobbi, B., & Simão, A. (2005). *O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: Descrição e aplicação do método*. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, vol. 7, núm. 1, 2005, pp. 70-81. Universidade Federal de Lavras-Minas Gerais.7(1), 70–81.

Sousa, M. J.; & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer Investigações, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: PACTOR.

Teixeira, M. L. M. (2014). *A integração das mulheres imigrantes cabo-verdianas no mercado de trabalho em Portugal - Um estudo na área de Lisboa*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/12694>

Tuckman, B. W. (2012). *Manual de investigação em educação: metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, J. (1993). Representações sociais para uma psicologia social do pensamento social. In Vala, J. & Monteiro, M. (1993) (Coord) *Psicologia Social*. Serviço de Educação. Fundação Calouste Gulbenkian, Capítulo XIII p. 353-384

Vala, J., Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. Em Vala, J. & Monteiro, M. B. (coord.), *Psicologia Social* (pp. 569-602). Fundação Calouste

Zlotnik, Hania. 2005. “*International migration trends since 1980*”. In *International Migration and the Millennium Development Goals*. Selected Papers of the UNFPA Expert

## **Anexos**

## **Anexo 1- Inquérito por questionário e consentimento livre e esclarecido aos inquiridos**

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, sobre o tema *Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o Discurso.*

Esta investigação pretende analisar a forma como a representação e o género afetam os migrantes cabo-verdianos em Bragança. A participação nesta investigação é totalmente **voluntária**. É livre de recusar participar ou de parar de responder a qualquer momento (para isso, basta fechar o browser).

As suas respostas serão descarregadas da plataforma para o computador onde serão analisadas de forma agregada, ou seja, em conjunto com as respostas dadas por todas as pessoas que responderem ao estudo. Cada participante apenas será identificado com um código alfanumérico atribuído de forma aleatória pela investigadora. Os dados serão armazenados e conservados apenas pelo período necessário para cumprir as finalidades que motivaram a sua recolha e tratamento desta investigação. Além disso, a investigadora compromete-se a tratar toda a informação de forma confidencial.

A recolha e o tratamento de dados são realizados, exclusivamente, para fins de investigação científica. Os resultados do estudo poderão ser publicados em revistas científicas e jornais académicos, apresentados em seminários, conferências, aulas ou outras atividades com fins académicos, nos quais serão apenas mencionados os resultados de forma agregada e nunca de forma individual.

### **Caracterização sociodemográfica do/as inquirido/as**

Qual é o seu sexo?

Feminino

Masculino

Qual a sua idade?

---

#### Habilitações académicas

- Ensino básico
- 12.º ano de escolaridade
- Curso técnico-profissional
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Qual a sua profissão/situação profissional?

---

Há quanto tempo está na cidade de Bragança?

- Menos de 1 ano
- 1 - 2 anos
- 2- 3 anos
- 3- 4 anos
- 4- 5 anos
- Mais de 5 anos

#### **Representação e o género**

“As diferenças entre homens e mulheres são uma construção social, e as variáveis culturais que encontramos nos desempenhos quotidianos dos papéis masculinos e femininos não resultam de uma inevitabilidade biológica, mas de opções sociais, conjunturais e culturais. Estas criam e legitimam ideias de comportamento especificamente feminino e masculino que estão relacionadas com o estatuto social de cada um destes agentes, estando na base de relações estruturais de desigualdade entre homens e mulheres que se manifestam tanto no mercado de trabalho como nas estruturas políticas ou no interior da família”. Caso queira, pode comentar a afirmação.

Concordo   
Não concordo nem discordo

Discordo

Caso queira, pode comentar a afirmação.

---

---

---

Alguma vez já se sentiu em desvantagem no seu local de trabalho, por causa do seu género?

Sim

Não

Caso responda afirmativamente, descreva por favor a(s) situação(ões) ocorrida(s).

---

---

---

Fora do seu local de trabalho já sentiu dificuldades no seu dia a dia, por questões relacionadas com o seu género? (Acesso à habitação, a bens materiais, serviços, etc.).

Sim

Não

Considera que a gestão da sua vida familiar estaria mais facilitada se pertencesse a outro sexo/género?

Sim

Não

De que forma?

---

Considera que a sua experiência migratória foi/está a ir ao encontro das suas expetativas, nomeadamente no que diz respeito à igualdade de género?

Sim

Não

Caso responda negativamente, descreva por favor de que forma a realidade não correspondeu ao que esperava.

---

---

“Devido à segregação de género, as mulheres migrantes geralmente enfrentam menos oportunidades de emprego ou escolha limitada de profissões em comparação com os homens, especialmente aquelas com pouca qualificação, que acabam muitas vezes desempenhando trabalhos semiprofissionais”.

Concordo

Não concordo nem discordo

Discordo

Caso queira, pode comentar a afirmação.

---

---

Já viveu alguma experiência em que se tenha sentido discriminado(a) e/ou desvalorizado(a) pelo aquilo que representa sendo migrante (raça, classe social, religião, orientação sexual, etc.)?

Sim

Não

### **Migração cabo-verdiana em Bragança**

Qual foi principal razão que a/o levou a sair de Cabo Verde?

---

“Há uma tendência de ver os migrantes como uma ameaça, muitas vezes fundamentada em crenças e preconceitos que geram pensamentos negativos. Esse cenário frequentemente resulta na criação de mitos que distorcem a realidade e impedem o reconhecimento dos benefícios que os migrantes podem trazer para o país e a sua população em geral. Os mitos e preconceitos associados aos migrantes podem dificultar significativamente a sua inclusão e, conseqüentemente, afetar o seu bem-estar e qualidade de vida quotidiana “.

Concordo

Não concordo nem discordo

Discordo

Caso queira, pode comentar a afirmação.

---

---

Por que motivos decidiu permanecer na cidade de Bragança?

---

---

---

Já recebeu ajuda por parte de alguma instituição que lide com migrantes em Bragança?

Sim

Não

Caso responda afirmativamente, descreva por favor, quais ajudas recebeu?

---

---

---

Logo a sua chegada à Bragança, sentiu-se bem acolhido pela população local?

Sim

Não

Porquê?

---

---

Considera que a representação de ser migrante e também o seu género, influenciam as suas perceções?

Sim

Não

Indique 2 ou 3 aspetos que considera como fatores discriminatórios

---

---

Como que o ser migrante/ mulher migrante afeta a sua vida?

---

---

**Agradeço a sua participação nesta investigação.**

**Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido aos técnicos**

**Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Educação Mestrado em Educação Social - Educação e Intervenção  
ao Longo da Vida**

### **Termo de Consentimento**

Eu, Márcia Sofia Oliveira Ribeiro, mestranda do curso de Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança, encontro-me a desenvolver uma dissertação cujo tema é “Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e Discurso “.

Para o efeito, necessito de realizar uma entrevista que tem como objetivos principais: Conhecer a realidade de vida dos migrantes cabo-verdianos em Bragança, analisar a forma como a representação e o género afetam os migrantes cabo-verdianos em Bragança, perceber as razões pelos quais os migrantes cabo-verdianos vivem em Bragança , perceber se existe alguma instituição em Bragança que ajude os migrantes e qual o trabalho que realizam com eles e compreender as questões de género a luz das migrações.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para esta investigação, garantindo a confidencialidade no tratamento dos dados. Com o propósito de facilitar o registo dos dados, gostaria de obter a sua autorização para gravar, em áudio, a entrevista.

---

Tendo em consideração a informação supracitada, concordo com os termos que constam neste protocolo de consentimento informado.

Declaro que autorizo a realização da entrevista solicitada

Assinatura do(a) Participante,

---

### **Anexo 3 - Guião de entrevista**

**Tema:** Representação e género na migração cabo-verdiana. Entre o espaço e o Discurso

**Objetivo geral:** Verificar em que medida, se o género e a representação podem influenciar as perceções dos migrantes cabo-verdianos, bem como o seu impacto.

<b>Categoria A. Igualdade de género</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>A1.</b> Existência da igualdade de género na instituição	<p>Considera que, na vossa instituição, a igualdade perante mulheres e homens migrantes é uma prioridade?</p> <p>A vossa instituição considera que têm feito esforços, para que se verifique a igualdade entre mulheres e homens migrantes?</p> <p>Na vossa instituição, oferece/ofereceu meios que promovam a igualdade de género entre os migrantes, como, por exemplo, ações de formação?</p>
<b>A2.</b> Género e Igualdade no exercício da profissão	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que pensa que ainda se pode melhorar e mudar em termos de género entre populações migrantes?</li> <li>2. Enquanto técnico, como descreve o modo como a representação e o género afetam os migrantes?</li> </ol>

### **Categoria B. Dificuldades e hábitos**

<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>B1.</b> Desafios da integração nos migrantes	<b>3.</b> Tendo em conta a sua experiência profissional, com que tipo de dificuldades as pessoas migrantes deparam-se no processo de integração aqui em Bragança?
<b>B2.</b> Tradição e Inovação	<b>4.</b> De que forma a intervenção preserva os hábitos culturais como religião, tradições e costumes da pessoa migrante no seu processo de integração?

### **Categoria C. Representações sociais**

<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>C1.</b> Representações da pessoa migrante	<b>5.</b> Na sua opinião, como a intervenção pode gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante? <b>6.</b> Na intervenção, que relatos das pessoas migrantes ouve que estejam relacionados com a representação ou o género? <b>7.</b> Há alguma atividade socioeducativa na intervenção que esteja relacionada com as representações da sociedade perante as pessoas migrantes? <b>8.</b> Que representações da sociedade considera que podem afetar o processo de integração da população migrante?
<b>C2.</b> Discriminação	<b>9.</b> Já presenciou ou soube de algum caso em que algum migrante ou grupo migrante que tenha sofrido de preconceito ou atos discriminatórios? <b>10.</b> O que é feito nesses casos?

<b>Categoria D. Intervenção Socioeducativa</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>D1.</b> Configurações da intervenção com a população migrante	<p><b>11.</b> Como descreve a intervenção feita com a população migrante?</p> <p><b>12.</b> Que efeitos considera que a intervenção tem na integração das pessoas migrantes?</p> <p><b>13.</b> O que considera que mudou nas pessoas migrantes com a intervenção?</p> <p><b>14.</b> Já realizaram alguma intervenção com migrantes cabo-verdianos? se sim, quais e como foi?</p>
<b>D2.</b> Apoios/ajudas	<p><b>15.</b> Que tipo de apoios e ajudas existem para a população migrante quando chega a Bragança, tendo em conta o seu processo de integração?</p>

<b>Categoria E. Iniciativas e parcerias</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>E1.</b> Protocolos da instituição com outras entidades	<p><b>16.</b> Já colaborou em iniciativas propostas por outras entidades que não sejam a sua instituição, relacionadas com apoio a populações migrantes?</p> <p><b>17.</b> Quais as parcerias e protocolos que a vossa instituição tem realizado e qual a importância que têm para a integração e ajuda aos migrantes?</p>
<b>E2.</b> Formas de mediação	<p><b>18.</b> Quais as estratégias e as formas de atuação no terreno realizado pela vossa instituição com os migrantes?</p> <p><b>19.</b> Quais aos serviços e valências, que os migrantes podem encontrar na vossa instituição?</p> <p><b>20.</b> Tem alguma mensagem que gostaria de deixar sobre a população migrante?</p>

Os dados recolhidos nas entrevistas dirigidas aos técnicos das duas instituições foram descritos e analisados em função das questões de investigação e dos objetivos propostos no início do estudo. As perguntas levantadas foram conduzidas no sentido de se aproximar o máximo possível das respostas que permitissem concluir pela concordância ou refutação, em pleno ou parcialmente, das questões previamente definidas como guia desta investigação. As entrevistas serviram igualmente como um suporte de grande valia para que se alcançassem os objetivos pretendidos nesta pesquisa.

<b>Legitimação e motivação da entrevista</b>	Apresentação pessoal; Explicar a finalidade e objetivos do estudo; Assegurar a confidencialidade; Solicitar autorização para realizar, gravar a entrevista em áudio e fazer a transcrição integral das respostas dadas.
<b>Categoria A - Igualdade de género</b>	
<b>Subcategoria A1. Existência da igualdade de género na instituição</b>	
<b>Questões</b>	<b>Unidades de registo</b>
Considera que, na vossa instituição, a igualdade perante mulheres e homens migrantes é uma prioridade?	T. cv: “... <i>Claro que fazemos de tudo para que isso aconteça. De qualquer forma a instituição tem isso sempre em consideração, quer seja nos nossos projetos ou fora deles, tentamos sempre inculcar esses valores, para não haver diferenças de género. Tanto tratamos homens, como mulheres e também tentamos sensibilizar a população nesse sentido e mesmo eles próprios...</i> ”  T. ct: “... <i>sim, na nossa instituição é uma prioridade...</i> ”
Na vossa instituição, oferece/ofereceu meios que promovam a igualdade de género entre os migrantes, como, por exemplo, ações de formação?	T. cv: “... <i>De momento ainda não fizemos, mas acaba por ser uma ótima ideia e um princípio a seguir ...</i> ” T. ct: “... <i>nunca oferecemos até o momento ...</i> ”.

Subcategoria A2. Género e Igualdade no exercício da profissão	
Questões	Unidades de registo
O que pensa que ainda se pode melhorar e mudar em termos de género entre populações migrantes?	T.cv: “... <i>Haver uma melhor sensibilização, principalmente com os migrantes que vem dos países muçulmanos, porque, o tratamento das mulheres em primeira instância é sempre igual, mas, quando vem de uma situação de stresse, consegue-se notar uma diferença de eles falarem para ti, ou eles falarem para nós, nada de mau, mas consegues sentir essa diferença...</i> “. T.ct) : não respondeu a esta questão.
Enquanto técnico, como descreve o modo como a representação e o género afetam os migrantes?	T. cv: “... <i>O que noto, é que os migrantes aqui agrupam-se, fazem as suas próprias festas e não socializam com outros grupos, claro que tentamos sempre inculir a integração na sociedade, mas é notável que eles ainda se agrupam muito...</i> “ T. ct: “... <i>Na minha experiência a questão do género não é assim tão notório, porque nós aqui fazemos um atendimento geral, independentemente de serem homens ou mulheres eles são atendidos...</i> “.

## Categoria B - Dificuldades e hábitos

### Subcategoria B1. Desafios da integração nos migrantes

Questões	Unidades de registo
<p>Tendo em conta a sua experiência profissional, com que tipo de dificuldades as pessoas migrantes deparam-se no processo de integração aqui em Bragança?</p>	<p>T. cv: “... A língua, que é logo a primeira, porque eles não percebem nada do que nós dizemos e as vezes nem nós do que eles dizem, acabando por ser um entrave inicial, isso, relativamente aos muçulmanos, porque com os africanos e brasileiros, acaba por não ser, o que facilita a sua integração.</p> <p><i>Também a alimentação, que é totalmente diferente da deles, a escolaridade, tendo em vista que muitos até podem ter formações no país deles, mas para nós conseguirmos trazer esses diplomas para aqui e fazer a tradução, então se eles quiserem continuar aqui, eles não conseguem.</i></p> <p><i>O arrendamento acaba também por ser difícil, fazendo com que procurem cada vez mais instituições sociais porque não conseguem arranjar um quarto para dormir, no sentido em que se nota um estereótipo por parte dos senhorios, em maior parte com os muçulmanos... “</i></p> <p>T. ct: “... De acordo com a minha experiência, o que tenho visto, talvez o não conhecimento de possibilidades que permitam conhecer a comunidade de acolhimento. As vezes a pessoa não sabe que existem iniciativas, ações que lhes permitem ter um contacto direto com a comunidade de acolhimento. A língua também é uma dificuldade extrema, porque se a pessoa não percebe o que se pretende, acaba por complicar as coisas... “.</p>

<b>Subcategoria B2. Tradição e Inovação</b>	
<b>Questões</b>	<b>Unidades de registo</b>
De que forma a intervenção preserva os hábitos culturais como religião, tradições e costumes da pessoa migrante no seu processo de integração?	<p>T. cv: “.... Nós tentamos sempre conhecer um bocadinho deles e da sua a cultura, e também nunca vamos contra, apesar, de as vezes acharmos que a forma como eles estão a agir, ou como fazem as coisas não é a mais correta, não podemos contrariar porque é a cultura deles, ou seja, tentamos sempre respeitar isso... “</p> <p>T. ct: “.... Nós preservamos no sentido em que temos atenção com todas as pessoas, como por exemplo, se alguém é muçulmano, é claro que não impomos coisas como carne de porco, por isso tentamos perceber a cultura, vamos também sempre aprendendo, para que as pessoas se sintam acolhidas... “</p>

**Categoria C- Representações sociais**

**Subcategoria C1. Representações da pessoa migrante**

Questões	Unidades de registo
<p>Na sua opinião, como a intervenção pode gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante?</p>	<p>T.cv: “... Acaba por fazer sentido pela sensibilização que seja feita, para também preparar a sociedade com as próximas vindas de migrantes não os verem com outros olhos, pois a sempre aquele estigma de que vem roubar os empregos, ...então com a intervenção tentamos modificar a sociedade para os integrar melhor... “</p> <p>T. ct: “... Quando proporcionamos as pessoas a possibilidade de mostrar aquilo que têm para oferecer para a comunidade de acolhimento, já se está a gerar, porque quando nós não estamos em contacto, não conhecemos o outro, fazendo com que surjam preconceitos.</p> <p>Nós enquanto instituições, temos de criar formas das pessoas se darem a conhecer, porque muitas vezes nós também não permitimos, pois, por vezes é difícil sair daquele ambiente da zona de conforto, como estar apenas com pessoas do nosso país de origem... “</p>
<p>Na intervenção, que relatos das pessoas migrantes ouve que estejam relacionados com a representação ou o género?</p>	<p>T.cv: “... Não é um tema muito abordado aqui, pois não sentimos essa necessidade porque só já tivemos 2 utentes do sexo feminino, mas claro que há chamadas de atenção de algumas atitudes... “</p> <p>T.ct : “... Nunca houve relatos... “.</p>

<p>Há alguma atividade socioeducativa na intervenção que esteja relacionada com as representações da sociedade perante as pessoas migrantes?</p>	<p>T.cv: “... <i>Diretamente nestes programas de imigração não...</i> “</p> <p>T. ct : “... <i>Realizamos atividades multiculturais...</i> “</p>
<p>Que representações da sociedade considera que podem afetar o processo de integração da população migrante?</p>	<p>T.cv: “... <i>Através das barreiras. Como nós estamos no interior, ainda a mentalidade tende a ser muito conservadora pois são pessoas que quase nunca saíram daqui, temos a problemática do arrendamento, o racismo, a intolerância religiosa, xenofobia...</i> “</p> <p>T.ct) : “... <i>O fator da língua, a questão de não haver possibilidades de se dar a conhecer na sociedade que nos acolhe e nem de conhecer essa mesma sociedade...</i> “.</p>

Subcategoria C2. Discriminação	
Questões	Unidades de registo
Já presenciou ou soube de algum caso em que algum migrante ou grupo migrante tenha sofrido de preconceito ou atos discriminatórios?	T.cv: “... Assim <i>concretamente não</i> ...  T.ct : “... <i>Que sejam aqui relatados não</i> ... “
O que é feito nesses casos?	Sem respostas.

<b>Categoria D - Intervenção Socioeducativa</b>	
<b>Subcategoria D1. Configurações da intervenção com a população migrante</b>	
<b>Questões</b>	<b>Unidades de registo</b>
Como descreve a intervenção feita com a população migrante?	<p>T.cv: “... Somos a delegação a nível nacional com mais casos de sucesso com a integração da população migrante, em termos sociais, de emprego, de habitação. Temos ex beneficiários que já possuem empresa própria... “</p> <p>T.cv: Não respondeu a esta questão.</p>
Que efeitos considera que a intervenção tem na integração das pessoas migrantes?	<p>T.cv: “... A diminuição do risco de insucesso... “</p> <p>T. ct: “... Ao oferecermos diversas ações de formação, integração em atividades, etc., faz com que surjam mais oportunidades para os migrantes e a intervenção traz sempre algo positivo ... “</p>

Já realizaram alguma intervenção com migrantes cabo-verdianos?	<p>T.cv: “... Nunca realizamos... “</p> <p>T. ct: “... Sim, embora não seja a comunidade mais expressiva, ao longo dos anos temos feitos alguma intervenção com migrantes cabo-verdianos... “.</p>
--	--

Subcategoria D2. Apoios/ajudas	
Questões	Unidades de registo
Que tipo de apoios e ajudas existem para a população migrante quando chega a Bragança, tendo em conta o seu processo de integração?	<p>T. cv: “... Nós temos um programa de acolhimento, em que eles nos são encaminhados e nós durante 18 meses temos de lhes dar apoio a nível financeiro, alimentação, casa, roupas, e quando não conseguimos dar resposta com esses apoios, reencaminhamos para outras instituições sociais...”</p> <p>T. ct: “... Existem diversos serviços. Prestamos apoio social, sobretudo numa fase inicial, depois temos a questão da CLAIM, que fornece uma serie de apoios no processo de legalização, na questão escolar, questão da saúde, como acompanhamento aos centros de saúde, quando as pessoas não têm conhecimento ou não falam o português, o protocolo com a escola Emidio Garcia para aulas de português, o grupo de jovens na paroquia, o próprio voluntariado da Cáritas...”</p>

Categoria E - Iniciativas e parcerias	
Subcategoria E1. Protocolos da instituição com outras entidades	
Questões	Unidades de registo
Já colaborou em iniciativas propostas por outras entidades que não sejam a sua instituição, relacionadas com apoio a populações migrantes?	<p>T.cv: “... Neste momento podemos considerar a AIMA, e a segurança social...”</p> <p>T. ct: “... Sempre. Estamos sempre abertos para isso ...”</p>
Quais as parcerias e protocolos que a vossa instituição tem realizado e qual a importância que têm para a integração e ajuda aos migrantes?	<p>T.cv: “... Temos protocolos com quase todas as instituições de bragança, como o IEFP, segurança social, IPB, OLS, e com algumas juntas de freguesia, ou seja, com aquelas instituições que acreditamos serem pertinentes para os migrantes...”</p> <p>T. ct: “... Alguns são protocolos oficializados, outros não, mas por exemplo com os hospitais, centros de saúde, com a escola Emidio Garcia, procuramos sempre ter voluntários em todos os serviços para que possamos contactar diretamente. Claro que nós também oferecemos a possibilidade de a pessoa esclarecer alguma dúvida que venha a ter, onde já estamos a abrir caminho.</p> <p>Temos pessoas concretas que são voluntários no CLAIM, ou na própria caritas, que muitas até trabalham em alguns serviços que nos permitem as vezes facilitar e agilizar processos que de outra forma seriam mais difíceis...”</p>

<b>Subcategoria E2. Formas de mediação</b>	
<b>Questões</b>	<b>Unidades de registo</b>
Quais as estratégias e as formas de atuação no terreno realizado pela vossa instituição com os migrantes?	<p>T.cv: “... <i>Aulas formais e não formais de português, todos os trabalhos que realizamos aqui tentamos sempre que eles venham estar connosco para conhecer um bocadinho, atividades nas aldeias para que se integrem com a população mais idosa, que acaba por ser uma mais-valia, porque sempre os recebem de braços abertos...</i> “,</p> <p>T. ct: não respondeu esta questão durante a entrevista.</p>
Quais aos serviços e valências, que os migrantes podem encontrar na vossa instituição?	<p>T.cv: que “... <i>Apoio jurídico, alimentação, apoio psicológico, vestuário, cuidados de saúde, acompanhamento a serviços. Somos uma instituição que tenta dar apoio em todas as vertentes...</i> “.</p> <p>T. ct: “... <i>Além do que já foi mencionado, também os migrantes podem encontrar na nossa instituição, valências como vestuário, alimentação, ...</i> “.</p>

<p>Tem alguma mensagem que gostaria de deixar sobre a população migrante?</p>	<p>T.cv: <i>“.... Temos de os ver como pessoas como nós, sejam eles de que religião for, raça ou nacionalidade. Eu os vejo como seres humanos que procuram por melhores condições de vida...”</i></p> <p>T. ct: <i>Deem-se a conhecer. Deem a conhecer o que trazem de bom do vosso país. Mostrem as vossas valias..... “.</i></p>
---	--